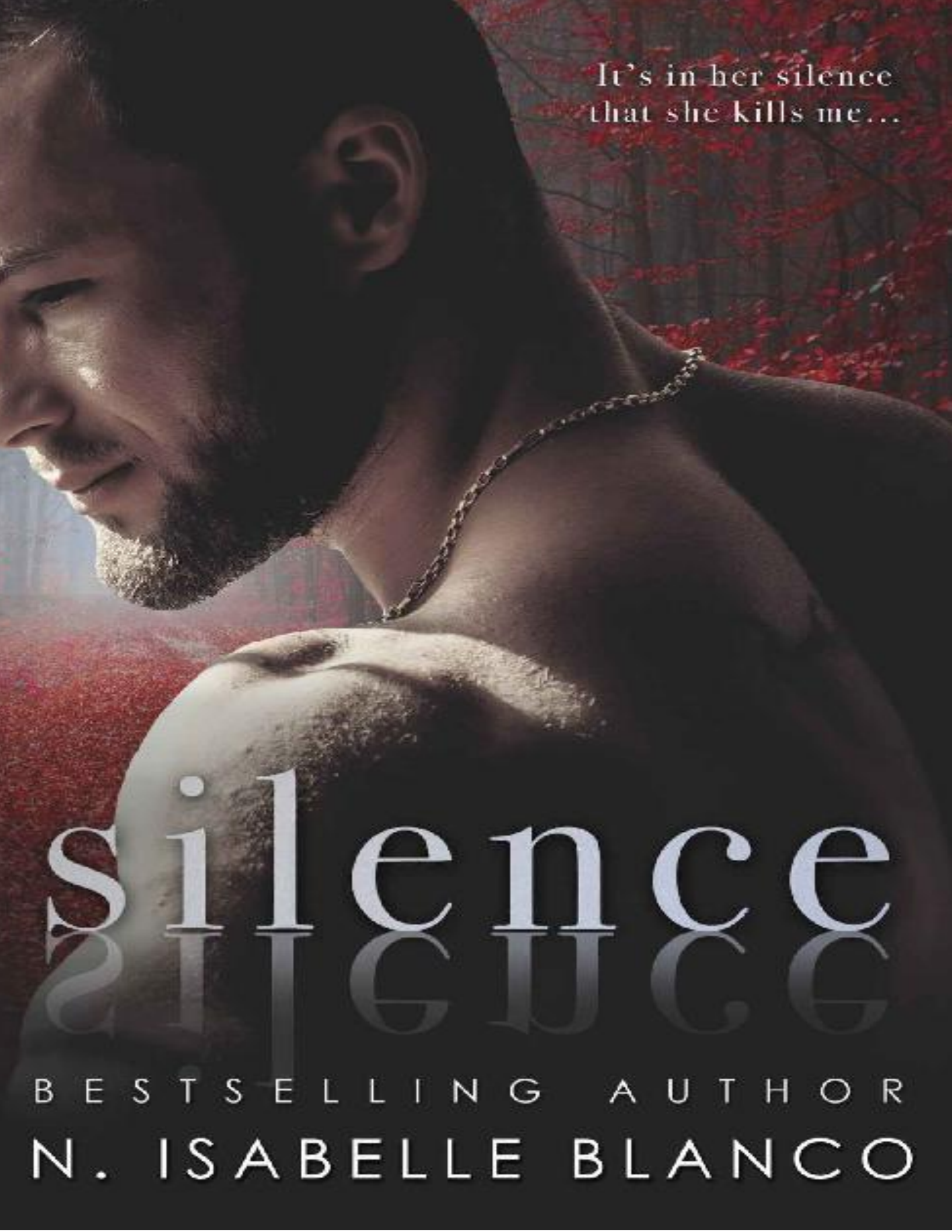

It's in her silence
that she kills me...
silence
BESTSELLING AUTHOR
N. ISABELLE BLANCO



DOLL BOOKS

TRADUÇÃO: IZABELLY
REVISÃO INICIAL: RENATA
REVISÃO FINAL: ÉVELYN
LEITURA FINAL: AMANDA
CONFERENCIA: IZABELLY
FORMATAÇÃO: IZABELLY

Para a esposa, Dee Garcia. Para minha incrível PA Julie JA Lafrance. Para o meu grupo de leitores, o Hussy Squad.

OBRIGADO!

Sem vocês na minha vida, me arrastando pelos meses mais negros da minha vida no final de 2018, este nunca teria sido concluído.

Obrigado por ficarem com os meus enredos ficando mais loucos e loucos, e minhas mulheres se tornam mais e mais psico LOL!

Você é tudo para mim. Eu te amo até o infinito e além <3 <3 <3

Mas todos vocês já sabem disso: p

N.

Quando meu irmão, o rei, se casou há quinze anos, e recebi sua nova família como minha. A esposa dele... Sua filhinha.

Minha sobrinha por casamento.

Eu saí para guerrear com os selvagens. Durante anos eu viajei de um lado para o outro, vendo a idade da criança.

Mas então a última batalha me manteve afastado por cinco anos. . .

Voltei agora para ocupar meu lugar de direito: o segundo em comando ao trono.

Eu sou tudo o que este reino representa - tudo que é necessário. O tipo de pilar que nem meu irmão consegue aspirar a ser.

Todos eles olham para mim. Para manter seu código.

No entanto, eles não conhecem a verdade.

Nas garras das sombras, ela me persegue à noite.

Durante o dia, ela sorri e sussurra, mostrando-me vestígios daquela menina doce.

À noite, ela está lá, uma visão em preto. Observando, perseguindo. . . Nenhuma palavra precisa ser dita.

Ela sabe.

Estou perdendo a batalha. Essa coisa entre nós é uma faísca do mal.

Milhares de anos de honra estão ameaçados - prestes a ser destruídos pela impossibilidade de nosso desejo.

Ela não se importa.

É no silêncio dela que ela me mata. . . e ela empunha como uma lâmina.

O chamado selvagem do sangue dela é mais do que posso suportar. . .

E a necessidade de possuir o seu corpo pode destruir a nós dois.

Aviso: contém temas que não são para todos. Por favor, leia com sua própria cautela. Mais de 18 anos

Um

Os degraus de ônix que conduzem ao palácio imperial são barricados pela multidão aplaudindo.

A visão da minha casa, mais do que os seres aplaudindo a minha chegada, traz uma sensação de paz muito necessária à minha alma. Não é que eu seja ingrato que os cidadãos estejam exultantes com meu retorno; é só que depois de dois mil e quinhentos anos de guerra por eles, protegendo-os, esse tipo de acolhida se tornou parte do curso.

Estar em casa, no entanto, não é. Eu fui embora por meia década. Um período de tempo que não deveria significar nada para alguém como eu, mas os anos me atormentaram de maneiras que não consigo entender.

As folhas vermelhas deste lado da Floresta Bãneasa decoram o solo. Os passos. Eles giram ao vento enquanto eu os despojo com meus pés, cada passo acompanhado por um novo aplauso ou um tapa orgulhoso nas costas.

Meu irmão Malachai, o rei da nossa facção, está no patamar, presas à mostra por seu grande sorriso. Ele está aplaudindo com o resto de seus cidadãos, indiferente ao fato de que, como nosso governante, ele deve ficar em segundo a nenhum.

Como meu irmão, ele sempre esteve disposto a se afastar e deixar-me ter os holofotes. Nunca o ofende de qualquer maneira; sua maneira de demonstrar apreço pelos meus sacrifícios em nome de seu reino.

— O grande Obsidian retorna com sua horda heroica e em guerra, — ele chama, olhos castanhos - uma sombra muito, muito mais clara do que os meus próprios pretos, brilhando de calor.

Balançando a cabeça, eu subo para o patamar e permito que ele me empurre em um abraço de um braço. — Meu rei, você me honra.

Ele cobre a parte de trás do meu pescoço com a mão enluvada. — É *você* quem nos honra. Venha, deixe as massas adoradoras para trás. Minha esposa e filha esperam por você para recebê-lo também. A família sentiu sua falta.

Sua esposa e enteada, como o mundo mortal a chamaria, mas meu peito se aquece com o pensamento deles independentemente.

Nossa família acolheu sua filha adotiva como se ela fosse sangue. Inferno, ela está me chamando de “Tio” desde que a conheci na tenra idade de três anos. Pelos meus cálculos, ela deve ter vinte e um anos, se não perto disso.

Quase pronta para se casar com a idade.

Embora, no final das contas, meu irmão tenha a influência final sobre quem é o dono de uma criatura tão preciosa.

A multidão continua gritando enquanto as portas de ônix do palácio se abrem sozinhas. Além disso, fica a vasta entrada da fortaleza. Paredes vermelhas, chão preto. Velas se acendem ao longo das paredes, tudo pronto para me receber de volta para casa.

Mas são as duas mulheres abaixo do lustre à frente que chamam minha atenção. — Obsidian! — Alessandra, nossa rainha, corre na minha direção com seu vestido majestoso, a coroa brilhando em sua cabeça. Cabelos negros, o mesmo tom da filha, brilham de saúde. Suas bochechas pálidas estão coradas de felicidade e seus olhos azuis escuros úmidos de lágrimas.

Minha irmã pelo casamento *e* emoção. Uma mulher que deu a meu irmão e eu nada além de amor.

Que me barrou, me envolvendo em um abraço jovial.

E uma que eu mal presto atenção.

Eu não posso.

Atrás dela, uma versão mais escura dela se aproxima, com o mesmo cabelo preto. No entanto, em vez de azul, ela tem olhos escuros, uma sinistra e assombrosa réplica dos meus.

A fêmea se aproxima em uma versão vermelho-escura do vestido de Alessandra, uma versão que abraça cada curva.

O mundo de cada lado de nós recua, desaparecendo rapidamente.

O pano de fundo além dela está perdido em um borrão também.

Essa fêmea, essa criatura impressionante com olhos que me lembram os feitos mais malévolos que eu já vi no campo de batalha - passeia, sua marcha uma progressão natural de graça e sensualidade.

Vagamente, estou ciente de que Alessandra saiu dos meus braços, que está sorrindo para a mulher cujo olhar me prendeu. Ela fica a uma distância de um braço e de repente estou chocado com a minha apatia pela minha necessidade desesperada de respirar.

Porra. Eu parei de inalar com a visão dela.

Meu peito se expande quando o ar o enche mais uma vez, só que não é só ar. É mais.

É uma ruína

É a escuridão.

É o sexo e o mais delicioso cheiro de sangue que eu já encontrei.

É o mal. Controlando, minhas gengivas queimam, presas alongam-se por trás dos meus lábios e, se não tiver cuidado, logo meus olhos darão indícios dessa súbita sede de sangue.

Meu casaco vai esconder o que está acontecendo com o meu corpo, mas meu pau está subitamente duro o suficiente para rivalizar com o ouro de que suas coroas são feitas.

Como se eu não tivesse fodido em eras.

Como se eu fosse enlouquecer se não o fizesse agora.

Uma mão bate entre minhas omoplatas, sacudindo-me onde estou.

— E aqui está ela. Minha linda filha. Ela não cresceu tanto, Obsidian? — O puro contentamento de Malachai e uma ignorância tão difundida que sinto pena dele e de mim mesmo.

Pois ele não sabe.

Ele não percebeu.

Até mesmo a mãe da menina, uma fêmea notoriamente protetora dela, não percebeu.

Ninguém percebeu.

Exceto ela.

A garota.

Não, a fêmea *adulta*. Aquela que compartilha minha coloração estranha entre o nosso tipo. Aquela que costumava envolver seu corpo em miniatura em volta das minhas pernas e segurar a minha vida.

Para todos os efeitos, *minha sobrinha*. A mesma garota que sempre me chamou de 'tio'.

Ela o faz agora, os lábios cheios se curvando em um sorriso preguiçoso. — Olá, tio, — ela finalmente canta.

Mas não é a mesma voz pequena que eu lembro. Essa voz é mais rouca. Crescida.

Minhas presas doem pela pálida coluna do pescoço dela.

Meu pau é uma coisa raivosa, pulsando em direção a ela com zero respeito.

E ela está sorrindo para mim, esse sorriso enigmático que revela seus pensamentos mesmo assim.

Esta jovem fêmea sabe que eu a quero.

Sabe que de repente estou morrendo por ela.

Ela parece que está pronta para brincar com esse fato. Explore isso.

Deuses, eu não reconheço Calamity e, pela primeira vez desde que a conheci, o nome dela faz todo o sentido. Como se sua mãe a chamasse involuntariamente *sabendo o* que ela um dia cresceria e se tornaria.

— Venha. Vamos todos para o salão principal. Há uma festa preparada em sua homenagem. — Meu irmão permanece inconsciente, felizmente, e eu não tenho escolha a não ser permitir que ele me guie.

Calamity angula seu corpo para abrir espaço para nós passarmos, mas é um movimento lento e sinistro, aqueles olhos negros de veludo me seguindo por todo o caminho.

Eu empurro meu olhar para longe, mas não antes que uma sensação fria e estranha serpenteie pela minha espinha.

Pela primeira vez em minha existência sem fim, percebo por que os mortais nos temem. O que é sentir-se preso na mira de alguém como nós.

Não que isso importe. Nossa facção é bem-sucedida por causa da nossa adesão à nossa moralidade. Nosso código de honra.

Toda a minha vida foi dedicada a reverenciar esse código.

Vivendo por isso.

Não importa o que aconteceu com o meu corpo, como esse perfume fode com a minha cabeça... essa jovem é minha sobrinha e ela é intocável para todos, exceto o macho que meu irmão escolher para ela.

Essa atração súbita e virulenta é inútil.

Repito isso para mim mesmo repetidas vezes, enquanto todos nós nos sentamos na suntuosa sala de jantar.

Repito para mim mesmo enquanto meu irmão se senta no final da mesa, sua esposa para a esquerda.

Continuo repetindo enquanto me sento à sua direita e meu braço direito, meu general Dregan, senta ao meu lado.

Mas quando a menina - *minha sobrinha*, eu me lembro, se senta ao lado de sua mãe, calma, olhar letal para encontrar o meu próprio, as fundações de todo o meu sistema de crenças parecem tremer.

Aquela garota de alguma forma sabe que minha boca está molhando por ela.

Que eu quero atormentá-la como um bárbaro rude, prendendo-a ao chão e profanando-a com a língua e o pau. Que eu estou brutalmente lutando contra as imagens, todas terminando com aquela pele pálida pingando minha porra.

Com aquele pescoço pálido brilhando com o sangue dela depois que eu a dreno como um selvagem.

Ela sabe, e não tenho ideia do que isso significa...

Só que ela não parece pronta para ignorá-lo como eu estou morrendo para isso. Eu não tenho ideia do que ela planeja fazer com esse conhecimento, mas aquela criatura pequenina parece pronta para explorá-lo de alguma forma.

Cinco anos se passaram e eu estava em êxtase para chegar.

Agora, o almíscar rançoso e mortal do destino iminente permeia o ar ao meu redor. Um perfume que eu só encontrei um punhado de vezes na minha vida.

Logo antes de uma batalha perdida.

Meu irmão levanta a taça de sangue para brindar às minhas boas-vindas, sem sequer perceber a verdade trágica.

Meu retorno pode não ser motivo de comemoração.

Eu, um homem que assumiu a missão de defender todos os habitantes que este reino possui, poderia causar a queda desta família.

Se eu não posso controlar essa luxúria infernal e manter a Calamity longe de mim, isso pode ser exatamente o que eu acabo fazendo.

Os deuses das trevas nos ajudem a todos.

Dois

— Cara, você nunca vai deixar esta sua caverna sangrenta?

Ignorando a pergunta de Dregan, o olhar grudado nos seis monitores espalhados ao longo da longa escrivaninha diante de mim, continuo lendo os escritos vindo do campo. Eu posso ouvi-lo se movendo ao redor dos meus aposentos, provavelmente tocando a merda que ele não tem o direito de tocar, mas eu o deixo continuar.

Qualquer coisa é melhor do que seus constantes interrogatórios, ultimamente sua curiosidade é frustrante quando se trata de meu novo isolamento.

Duas semanas. É quanto tempo passou desde que voltei. Desde que eu fiquei cara a cara com minha sobrinha crescida.

Minha sobrinha.

Minha sobrinha.

Minha porra de sobrinha.

É um canto em minha mente que me recuso a terminar. Porque algum dia essa realidade se cristalizará no meu mundo novamente.

Algum dia, esta dor ardente no meu intestino vai morrer uma vez que meu corpo se lembra de um fato muito importante:

Essa jovem fêmea é filha do meu irmão por casamento.

— Alguma palavra sobre o *Vlaqin*? — A facção que acabamos de passar cinco anos em guerra nos arredores da fronteira de Bucareste.

Essa pergunta eu não me importo de responder. — Eles estão se reagrupando, é claro. Mas a menos que eles possam criar uma nova geração de guerreiros da noite para o dia, são seus espiões que realmente precisamos nos preocupar por um tempo.

— Hã. — Há um som embaralhado.

Ele provavelmente está olhando através da minha porcaria.

Eu deixo, porque não há nada aqui que dê minha nova fixação. Nada vale a pena esconder.

— Como sobre o *Jiali*?

— Mobilizando, mas nada que não possamos lidar.

— E o *Cekle?*

— Mesmo.

Continuamente, com meu segundo em comando trabalhando na lista de nossos inimigos conhecidos. Distraído pelo puxão interno do meu peito, eu recito uma resposta após a outra.

Até que, de repente, fica em silêncio atrás de mim.

— O que diabos é o seu problema agora? — Eu jogo por cima do meu ombro.

— Engraçado, eu estou pensando o mesmo de você, velho amigo.

Definitivamente ainda está cavando. — Talvez você devesse se concentrar em assuntos mais importantes.

— Eu estou. É diferente de você não visitar os haréns conosco ao retornar da batalha.

Os haréns. O único mal necessário não podemos negar nossos cidadãos não-pareados. Tê-los vai contra o nosso código, mas a nossa necessidade biológica de sangue e sexo torna-os indispensáveis.

Eu não os visitei em anos. No campo de batalha, sempre havia mulheres disponíveis.

E depois de colocar os olhos em Calamity, eu me tranquei aqui a semana toda. Tem sido apenas minha mão e eu, e a batalha perdida com minhas fantasias.

Toda vez que eu fecho meus olhos, antes de eu chegar, é ela que eu vejo.

Ela que eu quero.

Ela, porra, preciso.

Sussurrando, eu clico no meu polegar contra o anel no meu dedo indicador. — Assuntos muito importantes exigem minha atenção. Volte para o harém e me dê um momento de paz.

Sua risada faz minhas presas se alongarem com agressão.

Quando olho por cima do ombro, ele está ocupado pulando por cima de uma das ornamentadas escrivaninhas de mogno preto que cobrem essa área de meus aposentos.

Como um coelhinho hiperativo e curioso, aquele bastardo.

Dregan sorri para mim, sobrancelhas vermelho-escuras se mexendo. — Isso poderia ter alguma coisa a ver com uma fêmea? Apenas aquelas crias do inferno podem transformar um macho de dentro para fora assim. Já vi isso muitas vezes.

A minha resposta? — Fora, — eu ordeno calmamente, apontando para a porta.

Não é até que seus olhos se movam nessa direção e ampliem que minha atenção é levada para onde eu estou apontando.

Ou, mais exatamente, *quem.*

— Olá tio. — Íris negras e insondáveis se movem na direção de Dregan, e esse sorriso indulgente se amplia. — Dregan, como vai você?

Ele está tão espantado com a visão dela naquele vestido roxo escuro e justo. Piscando, *gaguejando*, ele se curva na cintura. — Sua alteza. Eu estou bem, o-obrigado. E você, como tem passado?

Eu vou assassiná-lo se ele gaguejar assim mais uma vez.

Antes que Calamity possa responder, eu fico de pé.

Seu olhar se move na minha direção, acariciando minha calça preta. Meu igualmente preto, cashmere de manga longa. As mangas estão enroladas até os cotovelos, mostrando as tatuagens que cobrem meus braços, as costas das minhas mãos, meus dedos.

Cada uma delas foram dadas a mim como uma celebração dos meus triunfos no campo de batalha. Cada uma tem um significado sagrado que vai muito além da decoração.

E ela gosta delas. Eu posso ver isso no faminto e brilhante abismo de seus olhos.

Deuses malditos. Como fogo incandescente em chamas direto para a minha corrente sanguínea. Duas semanas de desejo negado me atingem como um maremoto assassino. — Como posso ajudá-la, Calamity? — Preciso tirá-la daqui antes que Dregan perceba o que ela está fazendo comigo.

Antes que ela continue fazendo isso para *ele* e eu bata a cara dele através da mesa preta antiga atrás dele.

Eu mal a vejo desde que voltei, com base em meu próprio projeto, mas percebi o pouco que ela fala na minha presença. Com os outros, não é um problema, mas as palavras dela para mim são escassas.

Talvez ela saiba o que a voz dela faz comigo e ela está com pena.

Esse sorriso enigmático cutuca minha curiosidade. O jeito que ela está olhando para mim, como se eu já estivesse dentro dela e ela pudesse ver todos os desejos em conflito dentro de mim...

— Minha mãe pede sua presença no salão principal.

Eu engulo a areia seca na minha garganta, as presas perfurando meu lábio inferior enquanto elas crescem mais rapidamente. — Eu vou descer em breve, — eu murmuro passando por eles, afastando o meu melhor para mantê-las escondidas.

Sem resposta. Apenas mais dessas cintilações, de íris escuras.

Ela lança um olhar para Dregan.

Ele se endireitou, mas seu olhar permanece fixo no chão em reverência à posição dela.

E seu status de solteira.

E provavelmente porque se ele olhar para ela, ele provavelmente não será capaz de esconder a luxúria que sinto pulsando em ondas.

Porra do inferno.

O canto de sua boca se contorceu, quase desnudando aquela covinha solitária e adorável no lado esquerdo de seus lábios. Então, com olhos brilhando, ela olha diretamente para mim...

E morde o canto do lábio com uma presa perfeita e alongada.

Sou atingido por uma necessidade tão feroz que toda a consciência quase me abandona.

— Vejo você lá embaixo, tio, — ela canta tão docemente, provando para mim que a jovem travessa que costumava me fazer brincadeiras ainda está lá dentro.

Ainda morrendo de vontade de foder comigo.

Morrendo para *me foder, ponto* final.

Eu não sou um tolo. Já tive mulheres suficientes na minha existência para perceber quando uma tem demos por mim.

Por que ela está sentindo isso? Por que ela está indo com isso? Por que ela quer atravessar a linha mais proibida tentando-me assim?

A resposta a todas essas perguntas está dentro de mim, me provocando tanto quanto essa fêmea. O que quer que essa insidiosa atração entre nós signifique, claramente nos colocou em seus braços.

— Assim... Estou supondo que você está finalmente saindo da caverna?

Recuso-me a reagir ao seu enclausuramento. Pelo que sei, ele já percebeu por que eu estou mentalmente perturbado ultimamente e ele está apenas procurando por confirmação.

Virando, eu desligo todos os meus computadores. Meu punho imperial de ouro está ao lado de um dos teclados. Sentindo o olhar de Dregan em minhas costas, eu bati no meu pulso esquerdo.

— Assim... vamos falar sobre isso?

Foda-se. — Não. Coração batendo forte no fato de que este filho da puta pegou o que está se passando comigo, eu passo por ele, botas batendo no mármore preto.

— Nós vamos ter que falar sobre isso eventualmente! — ele chama nas minhas costas recuando.

— Vá pegar seu pau, chupe e pare de se preocupar com o que acontece com o meu. — Eu deixo as pesadas portas esculpidas se fecharem, sabendo que isso não é o fim disso.

Eu tenho que me resolver.

Em breve.

Dregan tem sido como um irmão para mim desde que éramos crianças pequenininhas. Ele me conhece mais do que qualquer pessoa. Mais que meu próprio irmão de sangue.

Mas levou apenas meros momentos no mesmo quarto que Calamity e eu para ele perceber.

Se não for cuidadoso, se não tirar essa garota do meu sistema - é apenas uma questão de tempo até que alguém perceba.

Este reino, nossa estrutura social, não foi construído para sobreviver a esse tipo de escândalo.

Apenas não é desse jeito.

Três

— Orenz está se casando com sua ala agora que ela é maior de idade. Alessandra sorri para a jovem vampira que lhe entrega um pano profundo de vinho. — Todo o reino está em alvoroço. Todos menos a geração mais jovem.

Estou dividida entre o meu desejo de solidão e ficar horrorizada com o que estou ouvindo. — E o conselho *aceitou* isso?

— O argumento é que a mãe dela morreu há dezesseis anos e ele não a criou como sua. Ele pagou por cuidadores para lidar com isso. Alessandra deixa cair o pano em uma das superfícies de madeira escura e inclina a cabeça, contemplando-a.

Ela sempre faz isso, embora eu não consiga entender por quê. — Ainda é sua ala. Como na Terra ele conseguiu aprovação para isso?

Minha cunhada dá de ombros com indiferença. — Sua família é uma das mais antigas. Suas conexões são vastas. Seu olhar avaliador passa pelos vampiros correndo pelo corredor. — Nós vamos precisar de você para ficar aqui e ajudar com a agitação.

Eu estou no meio de uma carranca no perfil dela quando o roxo profundo corta meu periférico.

Ela.

Ela está em pé na frente das portas para o terraço, realçada pelo luar. Avaliando todos antes dela da mesma maneira despreocupada que sua mãe demonstrava.

Afasto-me, bloqueando a visão dela. Sempre atento à audição avançada que nossa espécie possui, aproximo-me da rainha. — Só há uma maneira que eu posso ajudar com isso. — Lembrando ao conselho que o sindicato não é do melhor interesse do reino.

Alessandra dá uma sacudida sutil de cabeça. — Não é tão simples assim. Com a forma como o clima político é, a geração mais jovem é mais propensa a se revoltar se negarmos isso. Você não os viu juntos, Obsidian. Ele está perdido para ela e ela está perdida para ele.

— Eles são *públicos* sobre isso? — Eu assobio quando uma leve rajada de ar bate nas minhas costas.

— Mãe.

Merda. É quase impossível esconder minha reação à proximidade dela. O som da voz dela, aquele cheiro... merda...

— Calamity. — Sorrindo, Alessandra passa por mim.

Eu continuo ficando longe da fêmea, as presas empurrando contra os meus lábios tensos. Se eu não conseguir que isso desapareça, logo

meus olhos vão inundar completamente de preto. E nesse ponto, ninguém, absolutamente *ninguém,* duvidará que eu esteja nas garras da sede de sangue.

Duvido que seja um salto distante daquele a quem é responsável.

— Você falou com Tallon para organizar sua viagem? — Alessandra pergunta.

O chefe da guarda real? Viagem? A sobrancelha arqueada, eu olho por cima do meu ombro para as duas mulheres encolhidas. Uma em um elegante vestido azul profundo; a outra vestida para matar nesse vestido roxo. O mesmo que se encaixa nela como uma segunda pele, não deixando nada para a imaginação quando se trata de suas curvas.

Como é que eles permitem que ela se vista *assim?* Eu não olhei em sua lista de pretendentes, mas deve ser quilômetros de comprimento. É como se ela estivesse tentando seduzir um macho não acasalado para pegá-la.

Meus caninos gotejam veneno na minha boca.

— Tudo foi tratado. Não se preocupe, mãe.

Alessandra alisa uma mecha de cabelo grossa e preta sobre o ombro nu da filha. — Eu sempre me preocupo quando você sai para aquelas festas no reino humano.

— *O quê*? — Estou puxando em disparada e pisando em sua direção no momento em que qualquer um de nós percebe o que estou fazendo.

Minha próxima pergunta é dirigida a sua mãe serena e receptiva. — Ela está saindo para festas *onde*?

Calamity olha para mim mais uma vez, os olhos brilhando com alguma emoção indefinida.

Diversão, talvez.

— Tenha um bom dia, tio Obsidian.

O desejo de rosnar para ela me deixa quase desnorteando, minhas presas saindo.

— Relaxa. Nós a satisfazemos porque muitos dos outros jovens vampiros fazem isso. Eles saem em grandes grupos, fortemente protegidos.

Minha descrença deve mostrar no meu rosto enquanto eu a encaro. — *No reino humano*.

— Que nosso tipo frequenta com frequência. E para os lugares aonde vão, eles não são nada mais do que jovens ricos que pagam em dinheiro para áreas VIP privadas e trazem sua própria segurança. Está bem.

Áreas VIP.

Não, isso não está *bem*. Só pode haver um tipo de lugar que ela está discutindo. — Eles estão indo para a festa em clubes humanos.

— Sim, — a rainha afirma, voltando sua atenção para os vampiros, estabelecendo decorações em todo o salão.

Alessandra...

— Obsidian, muita coisa mudou nos últimos cinco anos. Nós demos nossa bênção. A palma do meu irmão pousa no meu ombro por trás. — É melhor do que fazê-los fugir sozinhos sem que saibamos para onde ou fornecer proteção adequada.

Eu dou de ombros e me viro para deixar os dois. — Isso é ridículo. Ela é a herdeira do trono.

— Onde você vai? — Meu irmão chama.

— Para garantir que os detalhes de segurança sejam o que precisam ser!

— Ele é tão protetor dela, — Alessandra suspira melancolicamente, sem dúvidas, acreditando que isso não é nada mais do que uma preocupação de 'tio'.

Eu me odeio.

Dregan tenta me parar em um dos corredores.

— Agora não!

Ele me observa passando, sabendo que seu olhar está colado em mim.

Foda-se ele.

Foda-se todos eles.

A Calamity está saindo em grupos para *festejar* no reino humano, fora do nosso canto misticamente protegido da floresta.

Eu não ouso analisar de onde esta raiva está realmente vindo. Tudo o que sei é que, se eu não puder impedi-la, vou fazer com certeza que estou olhando por ela.

Cada movimento único.

Não importa o quão maluca seja essa ideia.



Seis telas estão trancadas na área VIP em um dos clubes mais populares da cidade de Bucareste. Cidadãos romenos, cidadãos *humanos,* giram para a batida e as luzes piscando, alheios ao fato de que um grupo de vinte, de seus predadores mais letais tomaram conta da área VIP privada no terraço do segundo andar.

Clicando no anel de ouro no meu dedo indicador contra o polegar, coço a barba com a mão livre e vejo a mulher de cabelos escuros e olhos negros reclinada no sofá branco, semicircular. Ela está usando um vestido que seria considerado indecente para os nossos cidadãos; Para os

jovens vampiros machos e os machos humanos ao seu redor, ela nada mais é do que uma bela e moderna deusa que vem à vida.

Minhas presas não recuaram por horas. Estou começando a acreditar que elas nunca mais recuarão.

Balançando ao ritmo, ela olha ao longo do topo da cabeça de todos, inspecionando.

Sempre pesquisando.

Como a mãe dela, a rainha.

Como se ela já fosse uma rainha.

Ela não herdará o trono por um longo, longo tempo, e somente depois da morte do meu irmão. Nosso pai não morreu até que Malachai tivesse mil, depois de ter vivido por quase cinco mil anos. No entanto, Calamity está claramente ciente de seu poder, de seu potencial, mesmo com a idade de vinte e um anos.

Porra. *Vinte e um*. Ela ainda é um bebê comparado a um ser de dois e meio milênio como eu.

Então por que eu não olho para ela como um bebê? Como eu fiz uma vez?

Meus olhos famintos caem para seu peito, para o modo como ele sobe e desce com cada respiração controlada. De vez em quando, seu olhar insondável se aproxima da câmera à sua direita.

Aquele cujo feed eu estou assistindo na minha tela principal.

Não há chance de ela saber que estou perseguindo essa pequena excursão dela. No entanto, não consigo parar de sentir a penetração daquele olhar, como se ela estivesse olhando diretamente para mim.

Em mim.

Um jovem vampiro loiro cai no assento ao lado dela, indiferente e autointitulado em seu terno branco. Ele se inclina para perto dela, muito mais perto do que seria permitido dentro do reino, e murmura algo em seu ouvido.

Coração batendo forte contra minhas costelas, eu exalo através das minhas narinas e endireito no meu lugar.

O macho se inclina para longe dela e leva o pulso exposto à boca.

Oferecendo a ela.

E pela primeira vez desde o retorno, ocorre-me que ela é maior de idade agora. Isso significa que ela não existe mais apenas com comida humana, como os filhotes fazem. Ela tem idade suficiente para se *alimentar*. Provavelmente tem sido há pelo menos três anos.

Rangendo meus dentes, luto com o desejo de aparecer diante deles, puxar o pulso do menino para longe dela.

Seus olhos piscam de volta para a câmera, trancando-a. Uma mão delicada chega até a parte de trás da mão do macho. Olhos apontados para a lente, ela se inclina, lábios gordos se abrindo em um silvo.

As pontas de seus pequenos e perfeitos incisivos perfuram a carne, a boca envolvendo seu pulso.

Quatro

Quem ele pensa que ela é?

A questão me persegue a cada passo do salão principal. Eu sou um idiota, na verdade. Quem é ela? A herdeira do trono deste reino. Uma das mulheres mais poderosas. Uma que, apesar de sua idade insanamente jovem, entende sua natureza vampírica sedutora melhor do que a maioria.

Ela tem que se alimentar. É um imperativo biológico, eu me lembro.

Mas em um maldito clube humano? Arriscando a chance de exposição assim? Eu já cortei seus feeds, apagando todos os traços daquele momento. Não que isso faça diferença para minha crescente raiva.

Com aquele idiota convencido e sangrento em cima de tudo isso?

Meus ouvidos se contraem, inconscientemente captando os sons da cidade dentro das muralhas defensivas. Vivemos nesta parte da Romênia, escondida dentro da Floresta Bãneasa, durante a maior parte dos quinhentos anos. Os edifícios são mantidos baixos o suficiente para permanecerem escondidos pelas árvores de folhas vermelhas que os

mortais não podem ver, mas conseguimos criar uma metrópole independente disso.

Veículos, seres, todos os sons de uma cidade movimentada alcançam meus ouvidos, e imagino como serão as ruas pretas hoje à noite.

Provavelmente tão lotado quanto as ruas fora daquele clube humano.

A única calamidade deixada há meia hora.

Onde diabos ela está? O detalhe da segurança deve acompanhar todo o grupo onde quer que eles vão, mas como diabos eles devem fazer isso se ela vai *desaparecer* no ar?

Estou no meio de outra rodada de ritmo quando o som de dois *cliques* ecoa no corredor.

Saltos em mármore.

Perfurando o ar, eu a procuro, já reconhecendo o delicioso cheiro dela antes de vê-la.

E algo mais. *Sangue.*

Calamity está a pelo menos vinte metros de mim, parcialmente realçada por um raio de luz da lua que entra pela janela de vidro colorido. O vestido de couro vermelho claro que envolve aquele corpo brilha, mas são as gotas vermelho-escuras exuberantes que escorrem pelos seus seios pálidos e sobre o material que chama minha atenção.

A fonte desse sangue. Gotas dela, levando-a de volta pelo peito, pelas laterais da garganta pálida e por aquela boca brilhante e maculada.

Ela estava se alimentando novamente.

Não só isso, mas lá está ela, em um vestido que pode não ser considerado estranho em muitos lugares deste mundo, mas um que conheço de fato não era permitido neste reino meia década antes. E ela não só despreza milênios sobre milênios de tradição, ela está *rasgando*-a com sua mera presença, vestida de vermelho indecente e exibindo calmamente a selvageria de seu instinto vampírico.

— O que você está pensando? — Eu exijo com a maior calma possível.

Não há resposta. Apenas seus brilhantes olhos negros de dentro das sombras que obscureciam seu rosto.

Eu corro diante dela, parando apenas timidamente de tocá-la. — Eu não sei por que eles estão deixando você correr solta assim...

Uma pequena explosão de ar a deixa.

Uma *risada,* percebo, antes que a expressão dela se abrande e aquele sorriso sereno retorne. — Você acredita que minha alimentação é selvagem?

Meu olhar estreito acaricia aqueles lábios cobertos de sangue, o deslize para baixo ao longo de seu pescoço. — Você chega em casa coberta pelos restos de sua refeição como uma espécie de selvagem.

Cabeça inclinando-se ligeiramente para a direita, ela me dá essa avaliação lenta da cabeça aos pés.

Aquele que não deixa dúvidas sobre o que está em sua mente.

— Talvez eu apenas pegue isso na minha alimentação.

Uma explosão de calor passa por mim. — Calamity...

— Boa noite, Obsidian, — diz ela.

Eu não acho que ela já tenha me chamado pelo meu primeiro nome antes. Sem palavras, confuso, me vejo puxado para aqueles olhos negros sem fundo.

Então ela se foi.

É melhor ela se desmaterializar em seus malditos aposentos de deuses.

Nem sequer teve a chance de realmente questioná-la. Porra, congelou como um idiota, completamente viciado pela imagem mental dela se alimentando de mim, ficando verdadeiramente *selvagem.*

Fervendo, eu procuro Tallon, determinado a ter essa falha de segurança gritante tratada de uma vez por todas.

E descobrir uma maneira de colocar uma espécie de coleira na herdeira desse reino. Antes que sua falta de autocontrole cause um problema maior. O tipo que termina comigo tomando a vida de algum inocente bastardo.



Falta de controle, minha bunda. Faz uma semana desde aquela noite. Uma semana assistindo-a nas câmeras da cidade.

Dentro da fortaleza.

Não há mais viagens para o mundo humano, felizmente. Chega de alimentações descuidadas e descontroladas e dançando com a evidência delas.

Em vez disso, ela passa seus dias vagando pelo palácio ou engajada em sua miríade de hobbies.

Natação.

Aulas de tecnologia.

Luta e treinando.

Treinamento de armas sangrentas.

Lições sobre assuntos atuais, tanto no mundo sobrenatural quanto no mortal.

Todas as atividades que nenhum herdeiro do trono jamais conseguiu se envolver antes. Explicação do meu irmão quando eu perguntei? — *Há uma chance de Calamity não se casar. Alessandra e eu concordamos em deixá-la decidir sozinha, em vez de forçar um casamento com ela.*

Minha primeira reação? Alívio.

Minha segunda? Horror. Pois o que meu irmão insinuou nunca foi tentado nos dez mil anos que nossa facção esteve sozinha. Somos um dos mais bem-sucedidos e mais antigos clãs de vampiros do planeta. Conseguimos isso não apenas mantendo a tradição e a estabilidade, mas sempre tendo dois monarcas nos guiando.

Se uma rainha morre, ela é eventualmente substituída.

Se o rei morre, o mesmo vale para ele.

Apenas um herdeiro nascido do sexo masculino, o primeiro filho do rei, foi autorizado a governar sozinho. Como meu irmão Malachai fez o primeiro milênio de seu reinado. Nunca uma filha. Nunca um herdeiro feminino. Ela sempre foi esperada para escolher um rei.

Não só isso, mas Calamity não é nem mesmo a filha de sangue de Malachai. A lei já foi reescrita há oito anos para abrir caminho para sua ascendência ao trono.

Agora isso.

Por que eles estão quebrando o protocolo para Calamity de tal maneira?

A resposta é um sussurro efêmero na parte de trás da minha cabeça, constantemente fora do meu alcance. Ponderar não produziu nada de concreto. Apenas esta sensação de que eu *deveria* saber porque Calamity é tão diferente.

Ela é? Todas as fêmeas mais jovens deste reino são desinibidas? Este *humano*? É raro quando a mudança social dessa magnitude se espalha através de uma cultura em um piscar de olhos, mas não é inédita.

Especialmente com a tecnologia atual e facilidade de troca de informações.

Porra. Minha cabeça dói.

Eu engulo outra rodada de secura amarga, minhas entranhas no fogo. Três semanas desde a minha última alimentação. Mas estou definitivamente no limite. Definitivamente se aproximando de um lugar escuro e perigoso.

Minha mente volta para a vampira que eu fodi pela última vez, a última da qual eu me alimentei - antes de voltar do campo de batalha. Lembro-me de desfrutar de cada centímetro de seu corpo, fodendo-lhe duro a noite toda enquanto nos revezávamos nos alimentando.

Ela não é nada além de um borrão agora. Como se ela fosse uma amante de mil anos no passado. Um evento que eu sei que aconteceu, mas eu não consigo me conectar o suficiente para reviver adequadamente.

Calamity se alimentando daquele macho naquele clube, no entanto...

Eu quebro meu queixo, ignorando a dor nas minhas gengivas. A ainda mais louca do meu pau. Trazendo minha atenção de volta para a segurança da fortaleza, eu estreito meus olhos para o lado direito dos meus aposentos.

As portas estão abertas.

E ela está de pé lá.

Girando no meu lugar, confirmo o que vi, Calamity na entrada do meu quarto, as sombras da luz das velas brincando sobre sua forma.

Ela não se move.

Nem eu.

Segundos intermináveis se misturam um ao outro, um tique-taque silencioso que é ecoado pelo meu batimento cardíaco.

Ela está usando a coroa de ouro e diamante. Presa embaixo dela está um longo véu de renda preta, que emoldura os lados do rosto dela antes de cair para cobrir todo o corpo de vista.

— Calamity, — eu digo, perdido, preso pelo impulso tóxico de arrancar o véu dela e penetrá-la com minhas presas e meu pau.

Íris negras permanecem firmes sozinhas, expressão serena, lábios congelados em um sorriso agradável.

Nenhuma palavra. Nem mesmo um piscar de olhos.

É um jogo. Vagamente, eu estou ciente desse fato, que ela está brincando comigo de uma maneira que desafia a lógica. Não me lembro da última vez que qualquer mulher conseguiu me embaralhar assim. Quebrando meu pescoço, eu debato os méritos de ignorá-la e questioná-la.

Ela não me dá a chance.

Tão silenciosamente quanto ela apareceu, ela se vira para sair, o véu partindo em um sussurro de movimento.

Me dando um vislumbre do que está por baixo.

Daquele vestido revelador, indecente e *primitivo* que deixa enormes pedaços de sua parte superior do corpo à mostra.

Calamity se foi, subitamente perdida para as sombras fora do meu quarto, mas o dano já foi feito.

Eu a perdi de vista antes, não tenho ideia de onde diabos ela veio. Um erro grave. Um, que vou garantir que não ocorra novamente. É hora de colocar um par permanente de olhos naquela garota.

Mesmo que seja meu.

No entanto, para me impedir de atacá-la, vou ter que cuidar de minhas necessidades. Finalmente chegou a hora de ir visitar o harém mais uma vez.

Cinco

Logo, ela provou ser mais difícil do que eu planejei originalmente.

Especialmente quando mal posso dar uma olhada nela.

Dias disso. Na verdade, semanas. Duas, se não me engano. E de alguma forma, hora após hora, apesar dos meus esforços férteis e habilidosos para rastreá-la, a garota está conseguindo fugir de mim a cada passo.

Seus pais permanecem despreocupados, claramente acostumados com seu senso insano de autonomia.

E não consegui confessar a eles o que vi; sua filha, vagando pelos corredores vazios do terceiro andar, onde seus aposentos estão localizados, cobertos de sangue.

Não se incomodou com a barbárie de deixá-lo em exibição.

Essa não é a parte mais preocupante. A verdadeira razão pela qual não posso confessar ao meu irmão o que sua filha adotiva está fazendo é muito mais profunda.

Eu fodo. Toda noite eu me alimento e eu fodo, e toda noite ela fica mais longe de mim e minha mente ainda não a deixa ir. Imagino os machos vampíricos e humanos nos espasmos de sua mordida, sentindo aqueles incisivos profundamente em sua carne, e esta doença se fortalece a cada vez.

Hoje me vejo fora dos muros da cidade, nos degraus que levam até a floresta. A luz do sol bate através das folhas vermelhas, a luz do sol filtrada. Como a maioria das raças de vampiros, a nossa é mortalmente alérgica à radiação ultravioleta admitida pelo sol. O feitiço que mantém essa parte da floresta escondida do resto do mundo também fornece um filtro que remove essa radiação, permitindo-nos experimentar a luz do dia.

Eu não estou aqui para a porra do sol. Nem mesmo aqui para a visão que faz brilhar as árvores cinza escuras e suas folhas vermelhas de sangue.

Ela estava apenas saindo aqui. Eu a vi.

Eu estou rangendo meus dentes, aquele edifício mortal de vibração. O rosnado baixo eu estou bravejando no ar ao meu redor enquanto olho para a esquerda e para a direita.

Acalme-se. Você está se alimentando. Nenhuma razão para ser bestial.

Exceto que eu não tenho me alimentado dela, não tenho transado com ela, e com todas as mulheres que eu gosto, tudo o que faz é me lembrar que elas não são as que eu desejo.

Elas não são a filha adotiva do meu irmão.

Deuses, estou realmente doente.

— Obsidian.

Eu enfrento o som dessa voz.

Almira, um dos membros do mais alto escalão do conselho.

E uma das viúvas que eu tenho fodido nos haréns a cada noite. Entre outros. Apenas três dias atrás, eu tinha ela e dois escravos de prazer lambendo meu pau de uma vez.

Eu tive que inclinar minha cabeça para trás e fechar meus olhos para desfrutar plenamente, e com cada passagem de suas línguas ao longo do meu eixo, a imagem da boca de Calamity me assombrava, mas elas não pareciam perceber o quão mentalmente desconectado eu estava.

Almira caminha mais perto, o manto cerimonial vermelho-escuro de sua estação cobrindo seu corpo ágil de vista.

Não que eu tenha algum desejo de olhar para isso neste momento.

Um olhar verde claro brilhando com o sol, ela sorri com a fome de um predador faminto.

Quanto mais eu dou a ela, mais ela quer.

Quanto mais ela me dá, mais fico obcecado pela minha sobrinha.

O nojo se agita em mim com o pensamento, como acontece toda vez que eu tento encaixar Calamity de volta nesse molde.

— Como você está, Obsidian? — Almira pergunta, passando uma mecha de cabelo dourado por cima do ombro. Ela faz uma pausa ao meu lado, o veludo vermelho cobrindo seu ombro roçando a caxemira preta cobrindo meu braço.

Eu calmamente olho para a falta de espaço entre nós antes de encontrar seu olhar interessado. — Eu estou bem. No meio de uma tarefa. Estou assumindo que te vejo hoje à noite no baile?

— *Mmmmm*. Claro. — Almira tem quinze anos de idade, uma mulher temperada por séculos e conquistas. Um vampiro totalmente ciente de seu charme. E nem ela, com sua idade e experiência, pode exalar a mesma carnalidade que a Calamity faz simplesmente existindo. — Eu vejo que você já está vestida para a ocasião. — Ela passa a mão pela manga do meu blazer, passando as pontas dos dedos ao longo do punho grosso de seda no final. — Por favor, me diga que você estará livre depois.

Essa raia atira pelos cantos da minha visão, a que eu vim a conhecer ultimamente. Não importa que ela esteja combinando com a floresta de cada lado e atrás dela, eu sei que é ela no momento em que a vejo brilhar à vista.

Empurrando minha cabeça ao redor, eu a vejo o que tem que estar a cem jardas à frente, vestida com um vestido preto elegante e leve.

A coroa em sua cabeça é preta hoje, uma criação nervosa e pontiaguda que de alguma forma consegue suavizar os ângulos pálidos de seu rosto.

As pontas do cabelo dela são um vermelho chocante que brilha contra o preto de seu vestido. Seus olhos, como sempre, são mistificadores. Impossível ler.

Exceto quando eles se aproximam de Almira e da maneira como estamos de pé.

Calamity não diz nada, ela nunca faz uma merda para mim ultimamente, nem mesmo sua costumeira saudação a seu 'tio', mas a frieza penetra em meus ossos de qualquer maneira.

Porque ela sabe.

Eu não sei como, no entanto, a ligeira inclinação de sua cabeça, o arqueamento da sobrancelha, dá tudo de volta.

Ela sabe que eu estou fodendo Almira.

Meus olhos estreitam o pulso batendo no lado do seu pescoço, em como ele está acelerado, independentemente de sua falta de reação externa.

Presas pingando na minha boca, eu sou instantaneamente sugado, como se estivesse ouvindo aquele pulso feroz em minhas próprias veias.

Imagino como o sangue dela deve estar correndo, quente com a raiva dela, envenenado por sua própria possessividade sobre mim, o tipo que nenhum de nós tem o direito de sentir.

O mesmo que está me comendo a cada noite, como eu a imagino se alimentando de machos sem rosto.

A visão é arrancada de mim tão rapidamente quanto todas as outras vezes. Ela se foi, deixando para trás apenas aquela minúscula expressão, a que me deixou frio.

Não posso me livrar disso, mas há uma voz em mim, uma me avisando. *Você vai pagar por isso.*

Pagar por quê? Eu não fiz nada de errado.

Então por que não posso sacudir essa culpa me corroendo? E eu não posso sequer foder com ela o tempo suficiente para entender nada disso. Ela não me deixa.

Porra do inferno. Aquela menina tem um domínio sobre sua desmaterialização que muitos de sua idade nunca possuíram.

— Ah. Nossa futura rainha. Almira assente, parecendo divertida. — Ela é uma selvagem, aquela...

— O que te faz dizer isso? — Eu estalo, já me debruçando sobre qualquer informação que ela possa me dar.

Almira encolhe os ombros, retomando a carícia sem sentido do meu braço. Se eu não estivesse tão empenhado em tirar essa informação dela,

eu a colocaria em seu lugar para mostrar esse tipo de propriedade sobre mim. — Ela é moderna, Obsidian. Uma fêmea que está começando a entender seu poder, mas que a entende de qualquer maneira. Eu fui um dos membros que votaram nela para se tornar a herdeira legítima.

— Por quê?

— Porque... Desde que ela era criança, todos sabíamos que ela era diferente. Brilhante. Selvagem. Pessoalmente, estou cansada de viver nos tempos antigos, onde as fêmeas devem se comportar, e vocês, homens, são desculpados por todo o seu mau comportamento. Aquela mulher dará início a uma nova era, em que os machos deste reino, ela apontou o dedo para mim, terão que aceitar que somos seus iguais. De todas as maneiras.

O desejo instantâneo de corrigi-la, lembrá-la porque nossas leis e costumes existem, acaba preso na minha garganta. Pois embora eu não acredite que esse tipo de mudança rápida seja bom para a nossa espécie, eu também entendo como isso soará hipócrita se eu expressar uma opinião contra isso.

— ... todos nós sabíamos que ela era diferente. Brilhante. Selvagem.

É verdade. Calamity sempre foi todas essas coisas. Apenas nunca me ocorreu como seria ruim.

Porque você nunca imaginou o que aconteceria quando ela tivesse idade suficiente para sua sexualidade vir à tona.

Uma sexualidade que faz vítimas de todos nós, deixando um macho após o outro quebrado em seu rastro.

Uma sexualidade que suspeito estar prestes a se tornar vingativa. Esse brilho em seus olhos antes de desaparecer, faz meu intestino faminto se agitar.

Morrendo de fome. Apesar de todas as mamadas.

Por causa dela. Porque eu não consigo parar de querer ela. Porque eu deveria ficar longe e, em vez disso, estou dando um bom dia a Almira e voltando para retomar minha busca por Calamity.

Seis

— Ela não é impressionante? — Malachai acena o copo na direção de uma mulher de cabelos ruivos dançando nos braços de outro homem.

— Tenho certeza que Alessandra não vai gostar do seu olho errante.

— Você parece mais e mais com os mortais com o passar do tempo. — Meu irmão volta ao seu lugar e se inclina para trás, balançando a cabeça.

Me incomoda aceitar isso. No entanto, como eu não posso? Eu não estou surdo às mudanças no meu padrão de fala ao longo dos anos. — Todos juntos, eu gasto mais tempo no mundo mortal do que o nosso. — Muitas das facções contra as quais combatemos não podem subsistir no sangue um do outro. Eles não têm escolha a não ser se alimentar de humanos.

Ao contrário do nosso tipo, que pode se alimentar de ambos.

É através das cidades humanas que eles vagarosamente se aproximam de nós. Não importa onde nos instalemos, sempre há mortais por perto. Aprendemos a revidar, em seu território, se necessário, em vez de fugir.

— Esses dias precisam acabar.

Meu irmão, por tudo o que ele é um grande rei, é um político antes de ser um guerreiro. — Nossas guerras terminaram? Não. Portanto, você ainda precisa de mim lá fora. Ficando confortável no banco longo e acolchoado contra a parede, eu procuro a multidão dançando abaixo de nós.

Malachai não sabe o que estou procurando.

Eu faço.

E quando ele estuda meu perfil, não posso evitar o sentimento de culpa na direção dos meus pensamentos.

Onde diabos ela está?

— É hora de você olhar para as fêmeas elegíveis disponíveis para o casamento.

— Como você tem feito a noite toda? Sem ofensa, irmão, mas eu lhe disse: sua esposa não apreciaria isso.

Ele afasta meu comentário. — Ela sabe que é para você. Nós dois estamos preocupados.

Que porra ele está falando? — Sobre a *minha* vida amorosa?

As íris cor de avelã do meu irmão não são nada além de sérias. De fato. — Sobre a sua posição política nestes tempos em constante mudança.

— Você quer dizer os mesmos tempos em constante mudança que você e sua rainha parecem aceitar? — Eu me inclino para mais perto dele, ciente dos olhares femininos que continuam a cortar ansiosamente em direção à nossa plataforma. Nós dois estamos em nosso código de vestimenta padrão para esses eventos: todo preto, condizente com nosso status de homens reais.

A corrente grossa de ouro, passada do primeiro rei do nosso clã, fica em volta do pescoço do meu irmão, terminando no grande medalhão com a insígnia real da nossa casa. A cor parece dura contra o veludo negro de seu blazer.

Ele carrega suas próprias tatuagens, mas nenhuma delas é visível. Ele nunca brigou tão extensivamente quanto eu. Cada tatuagem representa uma vitória na batalha.

Eu sou o irmão mais sombrio, tatuado e perigoso. O ainda único. Malachai é dedicado demais a Alessandra. Eles podem olhar para ele com desejo, mas é que eu me concentro.

E agora meu irmão e Alessandra querem ajudá-los em sua busca ridícula? — Relaxa. Eu cheguei a um acordo com os tempos mudando, mas até você deve concordar que está acontecendo muito rapidamente. Eu estarei na próxima reunião do conselho em duas semanas. Terei um plano assim que tiver uma ideia melhor de onde é a cabeça do reino.

— Oh. Eu vou te dizer. A geração mais jovem, tanto masculina quanto feminina, está farta do sistema antigo. Quanto ao que consiste

em trinta e cinco por cento do nosso conselho, as mulheres mais velhas? Pegue um palpite de que lado eles decidiram cair?

Não é necessário adivinhar. Depois de falar com Almira antes, ficou claro.

A linha feminista do mundo mortal finalmente chegou ao nosso reino.

Não é algo que eu já contei. Não porque não seja lógico - inevitável, até - mas está se tornando insanamente aparente que eu tenho lutado por muito tempo.

Eu estarei lutando novamente em breve. Nenhuma escolha só porque a mudança política está varrendo esse reino, isso não significa que nossos inimigos irão descansar.

— Não importa de que lado eles caíram. Sim, pode ser hora de mudar, mas a velocidade com que está acontecendo... Malachai, *por que* você está aceitando tudo isso? Por que todas as concessões à Calamity?

Encostado na parede lisa e branca, seu cabelo escuro e roupas escuras brilhando em contraste, meu irmão me encara de um jeito que ele nunca me encarou antes.

Preso

Vigiado.

Olhos cor de avelã consumidos com o que parece medo.

— Há muito que você não entende, irmão. Muitas guerras deixaram você cego para muitos dos trabalhos internos deste reino. — Ele se concentra no sangue em sua taça de ouro e fica claro que ele não dirá mais nada sobre esse assunto. Não agora pelo menos.

— Por que essas expressões? — Alessandra pergunta, subindo os degraus até a nossa plataforma. Ela está segurando a saia volumosa de seu vestido de baile vermelho, cabelos negros brilhando sob sua coroa de ouro habitual.

Só de olhar para ela me lembra de sua filha. O que eu não consegui localizar desde hoje de manhã.

— Meu irmão esqueceu a rapidez com que eu me adapto à informação. — Engolindo o último sangue na minha taça, esperando que essa e minhas múltiplas mamadas na noite passada ajudem a me controlar, se eu encontrar Calamity, vou me levantar. — Terminaremos essa conversa em particular mais tarde, — digo a meu irmão em voz baixa. — Seja o que for que você não tenha me dito, você deve me dizer então.

Sim, ele é rei. Meu líder. O soberano que eu jurei fidelidade não importa o preço.

Ele também é meu irmão e eu não vou tolerar esse nível de sigilo entre nós.

E é segredo. A maneira como Alessandra e ele compartilham um olhar cauteloso confirma isso.

Deixo-os antes que qualquer um dos foliões presentes perceba nossa tensão silenciosa. Sobre o fato de que há tensão dentro da família real. Malachai pode acreditar que eu esqueci as regras da política, mas ele está enganado.

Uma rápida leitura do salão de baile, um único alongamento dos meus sentidos, e percebo que Calamity não está presente. Ela foi mais cedo, durante a entrada principal da família para o evento, mas ela claramente puxou outro ato de desaparecimento.

Eu puxo um dos meus, desmaterializando-me em meus aposentos e puxando os alimentos.

Lá. Segundo andar, corredor da ala oeste. Ela se aproxima de duas portas vermelho-escuras, dando uma olhada por cima do ombro, depois passa por elas e entra na sala.

As portas deslizam suavemente por conta própria.

Um rápido avanço mostra que ela ainda não voltou. Ela ainda está lá.

Eu flash para o local exato, aparecendo fora das portas que eu a vi passar. O que está do outro lado dessas portas não é segredo; Eu tenho todo o layout da fortaleza memorizada. É uma área de estar, uma das poucas usadas.

À prova de som, como todos os quartos aqui, então não há como pegar o que está acontecendo do outro lado.

No entanto, meu coração da uma violenta martelada no meu peito. Uma batida primitiva que deixa minha visão nebulosa e minha pele escorregadia de suor.

É como se simplesmente saber que ela está do outro lado inflama essa fúria no meu sangue.

Mas talvez ela não esteja. Ela pode ter se desmaterializado sem o meu conhecimento.

Minhas mãos tatuadas parecem duas vezes mais pálidas sob as marcas pretas quando eu pego as alças esculpidas. Um puxão rápido faz as portas se separarem silenciosamente, mostrando o interior da sala.

Os úmidos, sons *sussurrados* molhadas vindo de dentro.

A explosão de calor é imediata, quase me derrubando, enquanto minha mente se esforça para compreender o que estou ouvindo.

O que estou *vendo* na sala escura iluminada apenas pela lua cheia no céu lá fora.

No sofá de veludo vermelho em frente a mim, dois corpos femininos se contorcem um no outro. As dobras de seus vestidos - preto contra roxo - se misturam, a ponto de não haver como dizer o que está acontecendo embaixo de suas cinturas.

Acima, no entanto, seus seios estão cobertos de sangue, seus pescoços. As marcas de mordida são claramente visíveis de onde elas estavam se alimentando uma da outra.

Um leve suspiro feminino percorre a sala, seguido por outra *lambida* molhada e um segundo gemido rouco.

Meus olhos se fixam em seus rostos

Lábios rechonchudos encharcados de sangue negro lutam pelo domínio uns contra os outros. As presas beliscam por mais, as línguas escorregando entre as bocas abertas e em duelo, lambendo o sangue umas das outras em traços lânguidos e perdidos.

Meu pau pulsando, vazando dentro da minha calça, eu sinto meu queixo desequilibrado, minha mente finalmente admitindo o que estou vendo.

Calamity cobre o queixo da morena, lambendo a língua com mais força, misturando mais sangue na boca uma da outra.

A morena está perdida para mim, tudo o que vejo é Calamity, a visão daquela boca deliciosa trabalhando a outra fêmea, compartilhando um beijo de sangue com ela.

A raiva desperta em um aceno apressado, colidindo com cada grama de luxúria destruindo meu sistema. Eu estou perdido nisso, nessa resposta primal, na necessidade de dar a ela esse pau e aliviar essa dor monstruosa.

Mas acima de tudo, observando-a beijando outra pessoa, compartilhando sangue com ela...

Algo se arremessa audivelmente em minha mente, algo que não vou aceitar até mais tarde, e eu desmaterializei na direção delas, meu único pensamento que me assombrará por eras por vir.

Ninguém toca o que é meu. Ninguém.

Sete

Nenhuma das mulheres me vê se aproximar.

Como elas podem? Eu tenho milênios nelas, cada momento gasto aprimorando minhas forças. Meus poderes.

Cego por este sentimento profano, eu puxo Calamity para longe da outra fêmea e nos envio em espiral para fora do quarto. Nós recuperamos a forma em um dos corredores. Visão batendo vermelha, eu a bato na parede na minha frente, mal ciente do sangue refrescante contra a minha palma enquanto eu aperto em torno de seu pescoço.

Pare. Pense. Eu sacudo minha cabeça.

A garganta debaixo da minha mão começa a pular. O som do meu coração está mais uma vez dominando a minha audição, mas leva apenas alguns segundos para eu captar o outro som.

Aquela que deixou a fêmea presa, sangrenta e maravilhosamente vestida ao meu alcance.

Ela está rindo, dentes afiados ainda rosa do sangue de sua amante.

— Você é a herdeira do trono e é assim que você se comporta? — Arreganhando os dentes, rosno para ela, apertando com força suficiente para cortar o suprimento de ar. — *O que* há de errado com você, garotinha?

Ela arqueia ao longo da parede negra, sua coroa batendo no mármore aos nossos pés. O espartilho de seu vestido é tão indecente quanto tudo o que ela gosta de usar, e aqueles seios grandes, também cobertos pela força vital de sua amante, pressionam meu peito. — O que há de errado com você, *tio*?

A pergunta embargada e forçada me atinge como uma maça no rosto; minha mão aperta em torno de sua garganta mais forte. Meu pau, carente e desesperado por ela, de alguma forma encontra seu caminho mais perto, pressionando as dobras de sua saia. — Você leva amantes femininos assim como machos?

Um segundo riso tenso. Outra mudança, trazendo os quadris para mais perto da minha virilha pulsante. — Eu deveria perguntar o mesmo de você? Ou acredita que os rumores sobre você nunca deixam os haréns?

Minha mão a empurra para fora da parede, mas apenas o tempo suficiente para jogá-la de volta nela; pedaços de tinta preta e pedra chovem ao nosso redor, mas ela apenas olha para mim sem se incomodar. *Desafiando-me* — Você é a herdeira deste trono. Uma jovem *solteira*. Você deve começar a se comportar como condizente com a estação dos seus deuses...

Estou cortado por sua terceira risada.

E a sensação de sua perna envolvendo meus quadris, flexionando... Eu estou empurrado completamente nela antes que eu perceba o que está acontecendo, nossos corpos se esforçando em um deslizamento faminto. Os tempos estão mudando, tio Obsidian. Fique com o pro...

Eu a cortei com outro aperto. — Pare. De me chamar. Assim.

— Por quê? — Ela respira, lutando contra o meu aperto, inclinando-se perto o suficiente para correr os lábios manchados de sangue ao longo da minha barba. — Porque você quer fu...

Levantando minha mão livre, pressiono meu polegar contra seus lábios, parando-a antes que ela termine a frase. Antes que ela termine de nos condenar.

Implacável, ela separa esses lábios e me chupa dentro dela, enviando uma faixa de necessidade infernal diretamente para a ponta da minha ereção latejante.

Apavorado, não posso fazer nada além de senti-la, os fortes nervos daquela língua sexy que acabei de ver agradando a outra. As tatuagens pretas na parte de trás da minha mão e os dedos são ainda mais marcantes contra sua pele pálida.

Aqueles lábios vermelhos escuros.

Ela arranca um gemido de mim com sua próxima sucção, e esses olhos negros rolam para trás em sua cabeça.

— *Foda-se.* Venha aqui. — Eu a puxo para longe da parede mais uma vez, trazendo sua boca para a minha.

Os meus lábios encontram os lábios dela.

A mordida gritante do sangue de sua amante entra em minha boca.

Tudo que eu registro é o gosto *dela*, a excitação vulcânica que quase me faz gozar na minha calça.

Garras pequenas e femininas afundam na parte de trás do meu pescoço, me assegurando, e o último pensamento coerente na minha cabeça é que há câmeras neste corredor também.

Alguém vai me ver espancando a filha adotiva do meu irmão.

Choramingando, ela desliza a língua pelos meus lábios, fazendo-me sacudir com outro choque de prazer.

Tudo está esquecido. *Tudo*.

Minhas mãos empurram camadas de renda e seda para fora do caminho, procurando, procurando...

Calamity palpita na minha língua, provocando e lambendo, seus pequenos e perdidos mios de um mundo distante da luxúria controlada que ela exibia com aquela fêmea.

Um rosnado é arrancado de mim. Minhas mãos fazem contato com suas coxas tensas e sedosas, e eu a tiro do chão em um instante. Ela se

enrola em volta de mim como se por instinto, seu pequeno corpo tentando me prender.

Eu estou indo a lugar nenhum.

Minhas mãos deslizam pelas laterais de suas coxas, ao redor de seus quadris. Sua bunda é maior do que eu posso encaixar minhas mãos ao redor, dois globos perfeitos de carne, e eu empurro dentro dela ao sentir eles.

Seus quadris se movem em círculos sensuais, o calor de sua vagina provocando meu pau. Eu empurrei dentro dela, nossas presas colidindo no nosso próximo beijo. Sem perceber, desmaterializo-nos de volta à parede, pressionando-a para ela.

Destruindo mais da sua superfície.

Nós dois estamos alheios a essa nova rodada de pedra em ruínas. Suas garras cavam na minha pele e trilhas quentes de sangue escorrem pela parte de trás do meu pescoço. Ela grita com o cheiro dela, as presas começando a afundar no meu lábio.

Com o objetivo de me levar para ela.

Uma voz quase perdida agarra-se na parte de trás da minha cabeça. No último segundo, antes que ela possa me furar, arranco meus lábios dos dela, lutando para recuperar o fôlego. — Não... nós não podemos.

— É tarde demais. — Seu corpo quente e pecaminoso balança em mim, respirações curtas batendo no lado do meu rosto. — Já somos.

— Não é assim. — Eu mal sou coerente, especialmente quando ela começa a arrastar os lábios pelo meu queixo, em direção à artéria latejante no meu pescoço, mas a autopreservação exige que eu a pare. Que eu evite que nos conectemos em tal nível.

Com todo mundo, é só alimentação.

Com ela, seria minha morte.

— Então você vai se alimentar dos outros, mas não vai se alimentar de mim? — Calamity ressoa em meu ouvido, seu tom crescendo mais rouco. Mais perigoso.

— Nós não podemos...

Com o punho no meu cabelo, ela puxa minha cabeça para trás com força suficiente para causar uma picada aguda na minha espinha e corre seus caninos para o lado do meu pescoço.

Minha voz se quebra em um gemido.

— Entenda-me, Obsidian. Para todo mundo que você ama, eu continuarei fazendo o mesmo.

O ciúme é um mal vicioso e inconveniente em mim. Quase inconsciente, enrosquei meus polegares na corda fina de sua calcinha - sua foda *tanga*, eu percebo, e balanço meus quadris no calor entre suas coxas. — Não se alimentando um do outro, — eu consigo falar, embora minhas bolas estejam apertadas com a necessidade de sentir seus incisivos em mim.

Ela faz outro som, um cruzamento entre um grunhido e um gemido, e de repente meus braços estão vazios.

Ela se afastou de mim novamente.

Tremendo, desorientado, eu inclino minhas mãos contra a parede danificada diante de mim, a cabeça pendurada pesada.

Sua coroa permanece a centímetros do meu sapato de couro, refletindo a luz das velas dos castiçais ao longo das paredes.

A porra das câmeras. Pressa antes que alguém veja. Se eles ainda não tiverem.

O gosto dela continua a inundar meus sentidos, mesmo em sua ausência, e eu levo mais alguns momentos para me orientar o suficiente para me mover. Pegando a coroa do chão, eu vou direto para os meus aposentos, lutando contra essa necessidade selvagem de caçá-la o caminho inteiro.



Gritos em êxtase soam em meus ouvidos. A pele lisa desliza ao longo da pele lisa.

A vampira abaixo de mim há muito tempo desistiu de participar, seu corpo maleável e conquistado debaixo do meu.

Eu levanto a perna por cima do meu ombro, aprofundando-me mais nela. Seus seios grandes, cobertos de marcas de mordidas e sangue, saltam com cada impulso.

Eu mal a vejo. Mal sinto sua boceta enrolada no meu pau.

Mal sinto ela na minha boca.

Tudo o que eu provei por mais de doze horas agora é Calamity.

Simplesmente pensando o nome dela me faz tremer, e o pau quase explodiu ali mesmo.

Rangendo meus dentes, eu a empurro de volta para o vazio da minha mente...

— Entenda-me, Obsidian. Para todo mundo que você ama, eu continuarei fazendo o mesmo.

Meus olhos caem nos seios da fêmea, em seu pescoço, à mostra sua cabeça jogada para trás. Sobre as marcas de mordida que deixei em cima dela, que serão curadas e desaparecidas amanhã.

Calamity está atualmente se alimentando de outra pessoa?

Fodendo eles?

É claro que essa é outra norma que ela quebrou, uma fêmea da aristocracia, no entanto a herdeira do trono, deve permanecer intocada até o casamento.

Em vez disso, Calamity é livre consigo mesma, levando quem ela achar melhor.

Lembro-me da visão de como ela beijou aquela fêmea, dominando-a e depois como ela fez o mesmo comigo. Suor escorrendo pelas minhas costas, eu empurrei mais rápido, o prazer daquela memória me queimando.

A vampira abaixo de mim chora meu nome, mas outro orgasmo a deixa mancar por baixo de mim.

Eu fecho meus olhos, bloqueando a imagem dela, e cubro sua boca com a mão, tentando sufocar seus gritos... até meu próprio orgasmo se soltar, quase forçando o nome de Calamity da minha maldita garganta.

Maldito é colocá-lo de ânimo leve.

Fodido. Tão fodido.

Eu flash longe da mulher na plataforma de veludo, ignorando como ela fracamente tenta chegar para mim, temendo substituir qualquer euforia momentânea que o orgasmo vazio me deu.

Eu quase gritei o nome de Calamity agora.

Quase gritei que este reino acredita ser *o* nome *da minha sobrinha* enquanto fode uma outra fêmea.

Consegui apagar a prova em vídeo do que aconteceu entre nós ontem à noite antes de qualquer outra pessoa chegar lá, mas que bem faz?

Se eu não a tirar do meu sistema de alguma forma, eu vou escorregar logo.

Eu vou me entregar.

— Obsidian, venha. Eu posso lidar com mais.

Ignorando aqueles olhos ainda carentes, vidrados com prazer, eu pego minhas roupas do chão, onde as deixo cair na minha pressa. — Já tive o suficiente por uma noite. Obrigado. — A porta se fecha atrás de mim.

Oito

— EU estou bloqueado dos arquivos médicos da princesa.

Sandor, meu terceiro no comando, cai ao meu lado, sua pele de ébano quase se misturando com seu uniforme militar escuro. Suas sobrancelhas afiadas se contraem. Fora isso, ele não demonstra nenhuma outra reação - como eu esperaria que ele fizesse. O corredor que leva à câmara do conselho está quase vazio, já que estamos atrasados, mas sua discrição é apreciada de qualquer maneira. — Você acha que o ataque que nossa equipe cibernética frustrou é o motivo?

Nenhum questionamento porque estou tentando acessar os registros médicos do Calamity.

É por isso que eu aprecio ele. Dregan é como uma família, mas sua curiosidade é uma dor inconveniente no rabo. — Estou olhando para isso. — A coisa certa a fazer seria deixar o braço cibernético dos nossos militares lidar com isso. Eles provavelmente fariam as perguntas que Sandor está escondendo, e eu não estou com vontade de inventar mentiras.

Sandor não me pergunta por que estou lidando com isso pessoalmente, simplesmente continua à frente, se mostrando em linha

reta, braços cruzados atrás das costas. — Isso faria sentido. Quem é responsável por tentar se infiltrar em nossos sistemas tentou nos atacar com malware e ataques MiTM. Claramente eles estavam buscando informações de nossos bancos de dados.

Ataques cibernéticos.

Sistemas.

Malware.

Ataques man-in-the-middle.

Todos os termos que eu nunca tive que me preocupar até os últimos trinta anos ou mais. Encorajei meu irmão a não entrar em nossa civilização na era digital por tanto tempo quanto eu pudesse. No entanto, era inevitável. No final de 1989, não tive escolha a não ser supervisionar a primeira transferência de nossos sistemas para o mundo digitalizado.

Eu sei o suficiente para me segurar. Lutar contra nossos rivais de dentro das cidades humanas que eles infestam nem sempre é sobre o combate cara-a-cara. Tudo é digital hoje em dia. Tudo. No entanto, eu deixei as defesas desta cidade para o comandante Aurel, um homem que se levantou em nossas fileiras não por causa de seu poder em batalha, mas seu poder quando se tratava de táticas.

Ele levou para as invenções do século XX com zelo absoluto. Foi uma das mentes mais brilhantes entre nós.

Até alguns meses atrás, quando os relatórios chegaram à minha base em Bercini, localizada no que os romenos chamam de Setor 4.

Certa manhã, Aurel acordou e foi para a floresta vermelha às dez da manhã. Graças à proteção mística da floresta, ele deveria estar bem sob a luz do sol.

Exceto, ele continuou andando até chegar à barreira invisível onde o lado vermelho de nossa terra se torna o Bãneasa regular e as árvores retornam aos seus habituais tons de verde e marrom.

Em outras palavras: o lado *mortal* da floresta. Onde não há mais nenhuma proteção mística contra os raios UV.

Tudo o que restava dele era seu uniforme militar e botas. Ele decidiu usar os dois enquanto cumpria o seu fim.

A parte mais perturbadora é que não havia sinais. Uma vida de quase dois mil anos extinguiu-se assim, por sua própria vontade, e nenhum de nós sabe por quê.

— Quem é o chefe da nossa unidade cibernética agora?

Sandor pisca para mim, olhos castanhos escuros se arregalando. — Espera. Você não sabe?

— Eu não tive tempo de me relacionar com eles. — Por causa da minha busca por Calamity, eu vasculhei todos os relatórios do conselho nos últimos cinco anos, evitando-a mesmo quando tenho certeza de sempre saber onde ela está.

— Senhor, a unidade está sendo liderada por...

Antes que ele possa terminar, uma fêmea aparece na frente das portas douradas para as câmaras do conselho, de costas para nós.

Milhões de nossas mulheres têm longos cabelos negros e corpos ágeis e curvilíneos, mas eu quase tropeço em meus próprios pés enquanto essa excitação interminável sobe de volta ao meu sistema.

Lábios lindos, saboreando o sangue do outro, frenéticos sobre os meus. Língua lasciva, possessiva, lutando contra o meu próprio controle. Quadris redondos flexionando, calor úmido acariciando meu pau enquanto nos beijávamos como animais frenéticos...

Ela se vira para olhar por cima do ombro vestido de preto, ela está usando um padrão BDU preto de mangas curtas para os superiores do nosso exército, e aqueles olhos negros emoldurados por seus grossos cílios negros me rouba a fala.

Eu não sei o que finalmente me prende. Muito provavelmente as linhas escuras ao longo dos braços nus que se registram no meu periférico. Meus olhos caem para melhor levá-los e eu paro com o que estou vendo.

Tatuagens tribais. O tipo dado aos nossos *guerreiros* após cada batalha bem-sucedida. Um em cada braço e o início de pequenos desenhos nas costas das mãos.

Sua pele pálida e perfeita... *marcada.*

E não apenas marcada, mas com alguns dos nossos símbolos mais reverenciados, reduzido a nada além de decoração trivial.

— Mais uma tradição que você deve destruir? — Eu estalo para ela uma vez que estou perto o suficiente, fervendo.

Calamity revira os olhos para nós. Com um giro simples, ela me deixa de pé aqui, sufocado pela minha indignação. As portas se abrem para as cavernosas câmaras do conselho enquanto ela passeia por dentro, os quadris balançando nas calças BDU.

Estou seguindo logo depois dela, esquecendo que há cem membros do conselho, seus pais e pelo menos vinte de nossos líderes militares presentes. Passando batendo pelas portas, mal conheço Sandor correndo para me alcançar.

— Senhor, você precisa saber, — ele murmura apenas para meus ouvidos. — Ela é quem vem liderando nossa unidade cibernética desde a morte de Aurel.

Eu empurro para outra parada no meio da câmara, pés do estrado diante dos assentos do conselho.

Cem deles, colocados em fileiras, todos conduzindo da pequena plataforma onde o rei e a rainha sentam, olhando para a filha. A do uniforme militar, ostentando tatuagens de triunfo de batalha, e deslizando um USB na porta do palanque.

Aquela que Sandor acabou de afirmar está *liderando* nosso braço cibernético.

Meu terceiro em comando facilita por mim, o braço roçando o meu, e não está perdido em mim que seja intencional.

Seu jeito de me mover.

Olhos em Calamity, em como o cabelo e a pele dela quase brilham sob o feixe de luz apontado para o estrado, eu vou para o meu assento costumeiro. Os chefes dos militares sempre se sentam no nível do solo, atrás do estrado, de frente para os cinco níveis de membros do conselho do outro lado da câmara.

Dregan já está lá, me olhando com curiosidade e o que parece ser uma preocupação.

Muito provavelmente o último. Estou pronto para esfolar alguém de novo.

Quantos mais segredos? Quanto mais falta de informação?

Eu sei que a Calamity é um gênio, mesmo entre nossas espécies intelectualmente avançadas, mas como diabos ela acumulou esse tipo de poder?

Não. Não acumulado. Meus olhos cortaram meu irmão e sua esposa. Eles estão sentados nas réplicas de seus tronos negros, em regalias reais típicas para estes tempos. A corrente do monarca em volta do pescoço dele brilha com as luzes, assim como a coroa de ouro de sua rainha.

Eles deram a ela esse poder, e meu irmão ainda não me disse *por quê*.

— Como você verá nos monitores, — Calamity começa, a voz soa alta e clara. — Conseguimos parar cinco ataques diretos em nossos bancos de dados. A maioria deles tinha como objetivo roubar nossa informação, mas alguns também estavam tentando nos fechar completamente. — Nas telas de projeção, no lado direito da sala, é exibida a divisão após o detalhamento das informações.

— Você foi capaz de identificar quem enviou?

— Pelo que conseguimos traçar até agora, os hacks vieram do *Vlaqin.*

Os murmúrios animados soam, enchendo a câmara.

Minha própria frustração aumenta, porque embora eu estivesse certo em supor que eles não seriam capazes de se reagrupar rápido o suficiente para enviar mais tropas para a batalha conosco, nunca me ocorreu que eles se contentariam em nos atacar na frente cibernética.

Outro descuido. Outro fracasso entre muitos no mês passado.

Eu quero culpar minha obsessão doentia com a jovem vampira no palanque diante de mim, mas uma parte de mim não pode deixar de me perguntar: *Será que eu realmente caí tanto atrás nos tempos?* Sim, eu vivi em cidades modernas e humanas por anos enquanto lutava contra outras facções. Não tive escolha senão mergulhar em partes de sua cultura que mudam rapidamente.

Mas não por escolha. Algo que poderia ter sido um erro grave, eu percebo.

E Calamity começa a delinear o plano para fortalecer nossas defesas cibernéticas, chegando a *exigir* uma nova rodada de recrutas habilidosos no campo para aumentar as fileiras. Ela está no meio de um colapso da nova estratégia quando meu irmão interrompe.

— Isso precisa se tornar uma defesa conjunta tática e cibernética. Independentemente de seus números diminuídos, eles claramente ainda representam uma ameaça, — comenta o rei, com uma voz profunda ecoando claramente. — Comandante Obsidian tem lutado contra eles desde o final da adolescência. Ninguém aqui tem tanta experiência como ele faz com eles. Irmão — olhos cor de avelã pousando por conta própria a partir de seu elevado patamar, meu irmão inclina a cabeça em uma demonstração de respeito, — precisaremos de você e de Calamity para unir forças contra essa nova ameaça. Precisamos de uma estratégia de defesa estabelecida o mais rápido possível. Antes que a questão se torne terrível.

Nove

As portas do escritório do meu irmão se fecharam. — Geral de um departamento inteiro dentro de nossas forças armadas?

Malachai gira em sua cadeira, uma perna apoiada casualmente em cima da outra, e ele não parece nem um pouco preocupado com minha ira crescente.

Lutando por calma, eu caio na poltrona em frente a sua mesa.

Ele simplesmente retorna meu olhar com aquelas íris calmas e aveludadas. — Ela é um gênio nisso. Ajudou a derrubar quatro ataques simultâneos em vários níveis de nossos bancos de dados. A guerra é guerra, Obsidian, mesmo quando lutada no ciberespaço.

Daí as quatro, novas tatuagens de triunfo de batalha que agora adornam sua pele impecável.

No meu silêncio, Malachai exala, como se estivesse se preparando para meus contra-argumentos. — Todo herdeiro do trono deve cumprir o tempo em nossas forças armadas, participar da batalha. Você prefere mandá-la para um combate um a um?

Não, droga. Inferno não.

Aparentemente, lendo a resposta na minha expressão, ele concorda com a cabeça, aquele aceno irritante, curto e *real*, que significa que ele acredita que tudo está resolvido.

— Malachai, me diga por que...

As portas se abrem. O cheiro de seu perfume no quarto, anunciando sua chegada.

Como se a maneira como meu coração bate violentamente não seja indicação suficiente.

Estou mentalmente arrastado, chutando e gritando, para aquela noite uma semana e meia atrás, onde ela está em meus braços, comendo na minha boca. Onde ela está carente e pronta para me alimentar. Para me deixar ficar com ela.

Mordendo, eu sustento minha perna sobre a minha esquerda, muito parecido com o que meu irmão estava fazendo, tentando desesperadamente esconder o que está acontecendo comigo. Eu me concentro no meu irmão, em seu rosto desavisado, e me recuso a reconhecer a nova presença na sala.

Nem mesmo quando ela valsa até nós, parando ao lado da poltrona vazia à minha direita. — Pai. — Ela acena para o meu irmão e apenas empurra o queixo na minha direção. — Tio.

Eu ignoro sua saudação e volto a falar com meu irmão. — Por que os *Vlaqin* querem nos manter fora de seus arquivos médicos?

— Você tentou olhar eles! — Calamity estala, mais de uma acusação do que uma pergunta.

Esse tom traz minha cabeça balançando na direção dela. Ela está olhando para mim com mal contido desgosto antes de soltar seu tablet na mesa de seu pai e cai no assento ao meu lado.

Espero um segundo... — Os *Vlaqin* não foram os que me trancaram para fora de lá, foram eles? — Eu grito com o meu irmão, endireitando no meu lugar.

— Obsidian- — meu irmão começa.

— Por que ele tem o direito de ser tão intrometido? — A Calamity interfere acima dele.

— Intrometido? — Eu giro na pequena pirralha, momentaneamente atordoado pela maneira como a luz solar filtrada faz seu perfil brilhar.

— Agora espere...

Mais uma vez, meu irmão é interrompido quando sua herdeira escolhida se volta para mim, inclinando-se para perto com olhos negros e estreitos que cospem fogo puro do inferno. — Sim, intrometido. Quer que eu conte *seus* arquivos médicos?

— Não há nada lá para esconder! — Eu lanço de volta em seu rosto.

— Vocês dois, chega! — Malachai bate a mão em sua mesa com força suficiente para fazê-lo saltar do chão. O som do impacto reverbera

durante toda a sala agora silencioso. — Eu não sei o que aconteceu com vocês dois ultimamente, mas termina aqui. Você é da família.

Meus lábios quase descascaram com aquele comentário, mostrando meus incisivos.

— Você também vai trabalhar em conjunto na construção de uma defesa cibernética tão férrea quanto possível.

— Não existe uma defesa cibernética de ferro, pai, e é por isso que pedi mais recrutas para começar a treinar.

— O que vocês dois estão escondendo em seus arquivos médicos?

Dois pares de olhos incrédulos se voltam para mim. — Os *Vlaqin* estão tentando se infiltrar em nossos bancos de dados, o repositório da maior parte do nosso conhecimento, e é com *isso* que você está preocupado? — Malachai pergunta.

— Você dá a ela um poder sem precedentes, você dá a ela margem de manobra sem precedentes, e agora você também está aparentemente escondendo segredos sobre ela.

O rosto de Calamity aparece a centímetros do meu, feições retorcidas de fúria. — Você é apenas um antigo, mal-humorado, incapaz de adaptar-se, intrometido, controlando-

— Calamity! — Malachai pisca a seus pés, as pupilas dilatam-se enquanto sua própria agressão sobe à tona. — O suficiente. Vocês dois. Eu não vou perguntar de novo. Eu sou o rei aqui e vocês dois parecem

ter se esquecido disso. — Sua voz treme com sua raiva crescente, do tamanho de suas presas alargadas.

Meu irmão nunca foi tão rápido a raiva como eu sou, mas quando ele faz isso pode ficar feio.

Realmente feio.

Uma vez eu tive que arrancá-lo de um cadáver destruído e machucado no meio da batalha. O vampiro morto tinha insultado sua então noiva Alessandra e foi isso. Quando cheguei a Malachai, o corpo era quase irreconhecível.

Essa não é a única razão pela qual calei a boca. Eu amo este reino, nossa família, o que conseguimos construir nos últimos dez mil anos desde que nosso ancestral antigo decidiu forjar seu próprio império. A lenda está quase perdida, distorcida pelo tempo. Há provavelmente uma recontagem original no fundo de nossos arquivos, mas o fato permanece: descemos dele e de sua rainha, e conseguimos permanecer no poder por dez milênios através de compromisso, sacrifício e compromisso com nossas leis.

— Eu só preciso entender completamente o que está acontecendo aqui para ajudar, irmão, — eu digo, tentando suavizar o meu tom. — Eu sempre tenho antes, então estou confuso porque estou sendo excluído agora.

Calamity não diz nada ao meu lado.

Malachai exala uma respiração, centrando-se. Os registros médicos de Calamity foram trancados para todos, exceto eu, sua mãe e a equipe médica. Escolhemos fazer isso por razões de segurança agora que tudo está na nuvem, como dizem os humanos, — ele responde, mas por alguma razão isso não soa totalmente verdadeiro para mim. — Eu vou trabalhar em permitir que você tenha acesso, embora você não veja nada de bom nisso. — Seu olhar cintila.

A sensação no meu intestino é nova e eu não sei como lidar com isso. Ainda pior é como isso não me deixa apenas questionando ele, mas também a mim mesmo.

Ele está mentindo? Escondendo algo?

Ou sou eu quem assume o pior simplesmente porque estou no limite? As palavras da Calamity de retorno anterior com uma vingança. — *Você é apenas um antigo, mal-humorado, incapaz de adaptar-se para mudar, intrometido, controlando*- Empurrando-os para trás, vejo como meu irmão se senta atrás de sua mesa mais uma vez. — OK. Obrigado. Eu estarei esperando pelo acesso.

— Enquanto você está nisso, pai, eu gostaria de solicitar acesso aos seus arquivos médicos também.

Tão pouco... Fazendo uma careta, eu enrolo meus dedos em um punho, resistindo à vontade de olhar para ela.

Meu irmão esfrega o ponto entre as sobrancelhas e eu posso dizer que ele está silenciosamente rezando por paciência com nós dois. — Calamity, por que você precisaria deles?

Com o canto do olho, vejo sua calma encolher de ombros, uma criatura muito acostumada a conseguir o que quer. — Pela mesma razão que ele recebe o meu. Vamos apenas fazer isso justo, vamos?

Eu quero lembrá-la de que não sou a coisa selvagem agindo de maneiras estranhas e profanas, nem sou eu que as tradições e leis de todo um império estão sendo distorcidas, mas algo me impede.

O fato de que, se eles estão escondendo alguma coisa, fazer mais perguntas não vai levar às respostas que eu procuro. Tudo o que vai conseguir é deixá-los desconfiados de mim. — Dê para ela. Se vamos trabalhar juntos tão de perto, também pode haver confiança entre a futura rainha e eu.

— Posso ser dispensada agora, pai? Deixei todos os relatórios sobre o tablet.

Malachai abaixa a mão, acenando-a com um sorriso gentil.

Calamity se vira sem dizer nem uma palavra.

— Configure uma linha criptografada de comunicação entre Obsidian e você. Eu quero vocês dois trabalhando juntos a partir de amanhã.

— Sim, Pai. — E ela valsa pelas portas sem outra palavra.

Meu irmão vira seu olhar divertido para mim. — Eu não sei o que está acontecendo entre vocês dois, mas resolva isso. Você entendeu?

Essa pergunta me atinge com um turbilhão de pensamentos inadequados.

Ainda pior, as memórias. É onde a filha adotiva está se contorcendo em meus braços, irritada por eu estar recusando meu sangue a ela.

— Só me consiga esse acesso e nós resolvemos a partir dai. — É tudo que posso dizer, considerando que minhas próprias presas estão mais uma vez reagindo ao simples pensamento dela. Curvando-me para ele, eu faço a minha saída apressada e volto para meus aposentos.

Pode ser hora de começar a fazer alguns hackers.

Dez

A floresta de Bãneasa se estende diante de mim. Densa. Aparentemente sem fim.

Cegando.

Não consigo ver mais que algumas centenas de jardas em cada direção.

Fazendo uma carranca, retomo minha jornada, piscando a cada cem metros, cobrindo a distância.

Procurando.

Caçando.

Ela está aqui. Eu sei que ela está aqui.

Um puxão da minha cabeça. Uma voz em minha mente que soa exatamente como a minha própria me avisando. *Não, Obsidian. Pare com essa tolice. Não deixe que ela te controle assim.*

Me controlar? Ela?

Mentira, eu sei quem eu estou perseguindo através desta versão mutante do Bãneasa. Sob minhas botas, vinhas murchas cederam e, através da névoa vermelha, posso distinguir a sombra da grama.

Morto. Está tudo morto. Ou em vários graus de decomposição.

Mais rápido. Você se aproxima dela. Minha atenção é mais uma vez puxada para a caça, meu corpo cortando a floresta em um borrão. Eu não deveria estar fazendo isso; Eu deveria parar com essa loucura.

Como eu não poderia procurá-la? Como ela destrói uma nova parte da minha vida todos os dias? Assombrado. Torturado. Nem um segundo de alívio da fome em seu olhar escuro.

Isso me segue. A todo momento, todos os meus sonhos. Eu disperso minhas moléculas mais rapidamente, reformando de vez em quando para cheirar o ar em busca de sinais dela.

Como se eu precisasse. O chamado dela é muito forte, mesmo sem adicionar o cheiro dela a ela.

A paisagem ao meu redor começa a mudar quando eu me reformo. À minha esquerda, um vórtice de fumaça negra. Uma voz sibilando da escuridão. — *Você sabe o que é tudo isso. A resposta é sempre antes de você.*

À minha direita, uma figura solitária à distância, que parece um longo véu vermelho, uma coroa tribal e brilhante. Por um segundo, eu quase giro nessa direção, acreditando ser Calamity, mas meu corpo se recusa a ouvir meus comandos.

Outro flash, este mais longe que os outros. Enquanto eu me solidifico, explosões de luz minúscula ganham vida por toda a floresta, milhões de picadas de alfinete.

Eles se foram tão rapidamente, e o cheiro de fumaça me domina.

Velas.

Pela fração de segundo em que estavam, a verdadeira extensão da putrefação da floresta havia sido revelada à minha visão avançada.

Minha mente registra isso mesmo quando me encontro de volta em movimento.

Velas apagadas e a podridão da vida das plantas mortas ao redor, mas tudo o que importa é a energia distorcida que sinto saindo dela...

Quero seus lábios novamente. Suas presas em mim. E a pior parte de tudo, o mais sacrílego à nossa conexão familiar. *Preciso estar dentro dela. Fazer ela me levar tão fundo.*

Pense, Obsidian! O que está acontecendo? Eu não sou cego para a estranheza de nada disso. Para a qualidade doentia do que está acontecendo. Para o pânico de ver a monstruosidade que este lugar se tornou.

Não importa. Não importa. Vá até ela. AGORA.

A floresta é mais densa do que nunca, a neblina quase impenetrável e seu cheiro ainda me atinge, tão poderoso quanto uma voz. — *Venha*

para mim, — sussurra insidiosamente, — *esqueça quem nós deveríamos ser um para o outro e venha pegar o que é seu.*

Calor. Muito calor. Tanta fome! Isso nunca irá embora até que ela esteja descendo pela minha garganta. Nunca vai aliviar até que eu a sinta desmoronando ao redor do meu pau.

Eu me esforço mais e mais, o desespero assumindo uma nova vantagem amarga.

Com os olhos abertos, sinto minha parte superior do corpo se erguer em uma posição sentada.

O preto borra diante de mim na luz. O brilho das telas de computador. A estátua de prata no canto.

Meu quarto.

Eu me movo para engolir e assobio enquanto meus incisivos cortam o interior do meu lábio inferior. Meu próprio sangue inunda minha boca e meu coração bate em resposta.

Sob as cobertas, meu pau palpita contra o meu abdômen, a umidade perolando a ponta.

Os lábios dela. Enquanto eu viver, nunca esquecerei a sensação daqueles lábios.

Eu preciso. Preciso dela fora do meu sistema. Precisa de uma parada para isso antes que quebre um reino já desestabilizado.

Tremendo, eu me empurro para a mesa de cabeceira preta e esculpida, pegando os cigarros dentro. Um dos poucos vícios mortais que também podem nos causar danos.

Mas não da mesma maneira que os humanos. Considerando que eles correm o risco de câncer, pressão alta e outras doenças respiratórias, os produtos químicos tóxicos nestas coisas se acumulam em nossos sistemas ao longo do tempo.

Deixe-o acumular o tempo suficiente, e um desligamento celular em todo o sistema começa. Como um ser humano lentamente sendo envenenado até a morte.

Foda-se. Eles são viciantes para o nosso tipo também.

Eu acendo a luz e tomo um grande puxão do cigarro, rezando para aliviar a excitação ruidosa que vibra sob a minha pele. Cada inspiração é uma onda nociva, capaz de ferir até um imortal como eu.

E ainda não é suficiente para abafar a presença dela nas minhas células. Para abafar a miséria de querer o que eu não posso ter.

Filho da puta. O jeito que ela me chamou naquele sonho.

— Venha até mim. Esqueça quem devemos ser um para o outro e tome o que é seu.

Não é tão simples assim! Por que ela não aceita isso? Por que ela deve me atormentar assim? Ela não entende. Não se trata mais de manter um reino intacto...

Eu não sei como controlar esse novo demônio que ela despertou dentro de mim.

A dor no meu pau é pura brutalidade. Eu termino o cigarro e imediatamente alcanço outro. Entregar isso agora não me beneficiará. Em absoluto. Se eu cuidar da situação, a imagem dela estará lá.

Se eu me dirigir aos haréns para foder alguém disposto, *a imagem dela ainda estará lá.*

Segundo cigarro abaixo e estou chegando a um terceiro. Gavinhas de fumaça se erguem diante do meu rosto e desaparecem antes de causar um impacto demais. Meus aposentos são muito grandes, seriam necessários pelo menos seis de nós constantemente fumando para preencher o espaço.

Então, novamente, os cigarros não estão fazendo nada para aliviar o buraco negro dentro de mim. A fome escaldante e seca me derrubou a garganta. A umidade pegajosa reveste meu abdômen inferior, piorando a cada pulso.

Nada facilita isso. Nada nunca vai acontecer até que eu encontre uma maneira de limpá-la do meu sistema, ou até que eu perca essa batalha e ceda.

Não posso. As repercussões não são apenas familiares. Nós somos a maldita família real, pelo amor dos deuses das trevas.

No quinto cigarro, não só o meu coração imortal está martelando sob o ataque químico, mas da excitação frustrada que não mostra sinais de

diminuir. Só preciso fechar meus olhos por alguns segundos e estou perdido.

Perdido nesse desejo.

Perdido nas fantasias viciosas que ela evoca.

De repente, sou transportado dos meus aposentos, não mais deitado na minha cama preta de inspiração vitoriana. Estou na vasta sala do trono, semelhante a uma catedral, em pé diante do trono do rei.

E Calamity está lá, a coroa da rainha sobre sua cabeça. De joelhos diante de mim, nua, exceto por aquela coroa e seu véu vermelho como gaze. Eu nunca a vi nua, mas minha mente não tem problemas em fornecer a curva de seus seios.

Os planos e sólidos de seu estômago e cintura enquanto se afinavam até seus quadris redondos.

Nas minhas fantasias, a boceta dela é nua, brilhando.

Pronta para minha língua.

Por uma pequena picada de minhas presas.

Estou vagamente consciente de que me perdi de novo, que no mundo real estou recostando-me contra minhas cobertas de seda preta e levanto levemente meus dedos pela parte inferior da minha ereção. Na minha fantasia, no entanto, Calamity se aproxima e é a língua dela me provocando com um leve toque de pena que me faz gritar.

Ela é a rainha nessa visão. A governante de todo este reino.

E eu estou agarrando-a por aquela coroa, a que atualmente fica na cabeça da mãe dela. Eu a trago para a frente, forçando-a a andar de joelhos.

Com gerações da minha linhagem retratadas nos vitrais ao redor de nós, eu deslizo meu pau dentro dela, observando seus lábios esticados para acomodar minha cintura.

Assim como sua boceta faria.

Sua bunda.

O prazer muda algo em mim, sempre me mudando, mas é a imagem onde estou tomando cada buraco nela que realmente me atinge. Eu fodo sua boca na minha fantasia, observando-a amordaçar ao meu redor. Observando os olhos inundados completamente de fome. Suas presas crescem ao ponto de não poder evitá-las, pastando ao meu lado a cada estocada, e rosno em direção ao teto pela sensação.

Ela engasga com o meu comprimento, garganta me ordenhando. Gotas molhadas de saliva deixam sua boca em torrentes, banhando meu pau e minhas bolas, e em um grunhido eu estou usando seu véu, seu cabelo, mandando a coroa cair de sua cabeça.

Eu fodo essa doce boca mais profunda, mais áspero, me perdendo no vazio.

Totalmente consciente de que não há como voltar atrás disso. Eu já imaginei isso. Quase senti isso. Minha alma nunca deixará a ideia ir agora.

Minha mulher. Minha rainha, apesar de todas as probabilidades. Minha para foder assim. Para profanar.

O orgasmo bate em mim do nada, a força dele me tirando da fantasia.

Peito curvando para dentro, eu grito no vazio dos meus aposentos, meu pau latejando mais do que nunca. Jatos de esperma disparam de mim em surtos poderosos que pousam em todo o meu peito.

Alguns até bateram na minha barba.

E através de tudo, eu só posso segurar meu pau, lutando para manter meus quadris quietos. Para me impedir de me aprofundar ainda mais nesse doloroso orgasmo. Minha outra mão está rasgando minhas cobertas, rasgando a seda...

Isso continua, só os deuses sabem quanto tempo, até que eu sou praticamente uma casca corrompida e corrompida de um macho nesta cama.

Corrompido. Que termo adequado para as mudanças fodidas em mim.

Eu me odeio assim que a razão retorna. Inferno, acho que estava me odiando durante toda a fantasia. Mas mais do que eu me odeio por ser um vampiro normal - tanto machos quanto fêmeas caem sob seu

controle tão facilmente, e eu odeio isso, ela está condenando inevitavelmente a todos nós.

Essa sensação de que eu não vou conseguir vencer isso. Que eu, um homem chamado para defender este reino por toda a sua vida, estará lidando com esta sociedade seu maior golpe em milênios.

A menos que eu possa encontrar a resposta para o porque ela é do jeito que ela é e acabar com isso. Por enquanto, mais do que nunca, estou convencido de que isso é algo antinatural para a nossa espécie.

Seja o que for, está escondido em seus registros médicos.

Os mesmos registros que meu irmão ainda tem que me fornecer.

Como eu suspeitava que ele faria.

Onze

Sandor corre até mim, expressão comprimida. Sua pele escura brilha ao luar, metade de suas feições quase perdidas nas sombras. — Ela apareceu minutos atrás, senhor, e se recusa a nos reconhecer quando tentamos falar com ela.

Eu passo por ele, minha cabeça latejando. Que porra ela está fazendo aqui? Pergunta absurda. Seja qual for o raciocínio dela, ela está fazendo o que ela faz melhor: causando o caos. Interrompendo a ordem das coisas.

Se colocando em perigo desnecessário.

Estamos no lado humano da floresta, perto do extremo nordeste mais próximo de Tunari. O *Cekle* lançou um ataque noturno em nosso posto avançado aqui. Relatórios alegaram uma vitória fácil, o perigo quase todo limpo, mas minha mente se revolta com o pensamento da herdeira deste reino tão perto do inimigo.

A fêmea que eu não posso parar de ficar obcecado ao alcance de seres que a torturariam alegremente em nome da vingança.

Isso a devastaria, a estragaria, até que nenhum macho neste império considere adequado tê-la como esposa.

E isso é só *se* ela sobreviver aos seus machos mais antigos e mais fortes forçando-se a ela assim.

Eu passo por um membro caído, observando-a na beira de um penhasco estreito, olhando para o vale abaixo.

O mesmo vale onde os sons de uma batalha agonizante continuam a ecoar. Independente do gênero, a maioria dos seres soa igual ao dar seus gemidos finais de morte. Acima do barulho, os comandos são gritados de um lado para o outro, nosso lado ordenando a limpeza de todos os corpos.

Eles serão colocados no fogo. Não apenas para garantir a morte, mas para apagar todos os vestígios deles antes que os humanos tropeçam nos restos mortais. Toda esta porção da floresta terá que ser temporariamente queimada, a fim de desintegrar os rios de sangue vampírico.

No entanto, tudo o que realmente importa para mim é a garota desobediente e malvada que estou me aproximando. — O que você está fazendo aqui, Calamity?

Os machos em meu comando relataram sua desconsideração por eles; para mim, a única coisa que ela tem que dar é uma sobrancelha arqueada.

E uma explicação calma e imparcial. — O *Cekle* lançou seu próprio ataque cibernético contra nós ao mesmo tempo em que lançaram esse ataque.

Eu já sei disso. Fui informado sobre isso antes. — Isso ainda não explica porque você está aqui. Você tem alguma ideia de como isso é perigoso? Você tem *vinte e um anos.* Vinte e um. O *Cekle* não recruta membros para o seu exército até que tenham pelo menos um século de idade. Não importa quão talentosa você seja, qualquer um deles poderia facilmente dominar...

— O *Cekle* usou o mesmo tipo exato de ataques em nossos bancos de dados como o *Vlaqin* fez.

Que eu não sabia. Infelizmente para ela - e para mim, se esse sentimento de preocupação é algo que passa, eu não dou a mínima para isso agora. — Você é muito impulsiva e mimada. Você tem alguma ideia do que qualquer um desses machos faria com você se pusessem as mãos em você?

O sangue parece escorrer de seu rosto, até que sua pele luminescente se torne quase branca como papel. Ela me olha de cima a baixo, um olhar quase desdenhoso e definitivamente lindo. — Você quer dizer a mesma coisa que *você está* morrendo de vontade de fazer comigo, mas está com muito medo?

Não ela...

Calamity gira para longe de mim, os quadris balançando nas calças pretas do exército. Em vez de se desmaterializar, ela se afasta, chutando a vida vegetal em seu caminho. Ela está murmurando para si mesma, com raiva, palavras sem fôlego, mas eu não posso ouvi-la acima do sangue rugindo em meus ouvidos.

Qual é o problema desta menina?

Corro atrás dela, tento pegar o braço dela.

Ela me evita sem sequer olhar para mim. — Eles encontraram um guerreiro *Vlaqin* entre os *Cekle* lá embaixo. — Um galho grosso e baixo é jogado para fora do caminho dela.

É arrancado da árvore e enviado voando como um míssil pela floresta. O impacto ao atravessar outra árvore a centenas de metros de distância é uma grande repercussão. Os animais reagem por toda parte, espalhando-se pela cobertura, soltando gritos de alerta para os outros de sua própria espécie.

Puta merda. Mesmo jovens vampiros são incrivelmente fortes, mas geralmente leva mais de um século para eles serem capazes de fazer *isso*. — Calamity...

— Eles o encontraram porque aparentemente agora estão trabalhando juntos. Eu os ouvi. Eles estão segurando o prisioneiro *Vlaqin* para trazê-lo de volta para interrogatório. Todas as coisas que você saberia se você parasse para pensar antes de tentar me controlar!

— Nada disso explica por que você está arriscando sua vida por estar aqui! — Eu rugi de costas, enviando as formas de vida restantes em torno de nós em outra rodada de caos.

Um estranho e erótico rosnado sai dela, segundos antes de ela estar na minha frente, os olhos completamente negros. Presas pequenas descobertas, ela me empurra com toda sua força.

Eu reajo exatamente como o membro fez, meus pés deixando o chão muito rápido para eu processar. Eu pisco, e a próxima coisa que sei é que minhas costas estão batendo em uma rocha, a força do meu corpo antigo fazendo-o tremer perigosamente com o golpe.

Um grande pedaço cai na minha cabeça e pequenas explosões de luz brilham diante dos meus olhos.

Calamity está diante de mim novamente, dentes rangendo em seu pulso exposto, *tirando sangue*. — Você quer me controlar e se sustenta com belas mentiras. É tudo sobre o império. As leis. Honrando o irmão a quem você serve que me ama tanto.

Eu já estou viciado no cheiro do sangue dela, os olhos arregalados presos com a ferida horrível que ela infligiu a si mesma. Olho para a pulsante e espessa pulsação vermelha da vida quando ela se aproxima ainda mais, aquele pulso se erguia.

Eu juro que posso ver seu maldito coração batendo nas trilhas dele. Nas gotas que caem, não saboreadas, intocadas, para presentear a floresta com sua essência.

— Mas você não é corajoso o suficiente para admitir o que isso realmente é, *tio*.

Como a criatura perdida e enlouquecida que sou, assobio para ela por essa palavra, minhas presas são caninos monstruosos comparados a suas minúsculas e elegantes. — Calamity, vá embora, pare...

— Você está estragando tudo, — ela sussurra, os olhos negros brilhando tristemente. — Você está arruinando tudo porque não pode deixar suas antigas crenças. Quebrando o que poderia ser com sua teimosia eterna.

O que é ela... *não importa. Leve-a embora. Antes que você foda-a e a coma.* Um grito abominável deixa minha garganta, meu último momento de pânico se manifestando como uma advertência verbal para ela.

Ela está errada. Eu não sou o único a arruinar tudo. *Ela* é. E se ela chegar um centímetro mais perto...

Já é tarde demais. Eu já estou procurando por ela, por aquele pulso sangrento e suculento, assim que ela pisca aquela distância final para mim.

Acontece rápido demais para que eu faça muito sentido. Um momento estamos nos aproximando, e no outro ela está contra meus lábios, carne coberta de sangue contra minha boca.

Frenesi. É um completo frenesi.

Eu perco todo o sentido da razão. De tempo. Como se eu tivesse recuado dois milênios, de volta à minha juventude. Tenho dezoito anos e provo o sangue pela primeira vez, exceto que esse sangue é um milhão de vezes mais poderoso que a minha primeira iniciação.

Toda pretensão de controle, de civilidade, é despojada de mim em ondas bárbaras e implacáveis. Eu estou arqueando contra a rocha nas minhas costas, quadris procurando ela, língua lambendo a cada gota. Meus lábios se prendem à sua pele de sabor perfeito e sugavam mais, *mais*...

Seus gemidos suaves chegam aos meus ouvidos e eu não posso fazer nada além de morder ela, salvando seu pulso minúsculo e fino. Há movimento ao longo da minha virilha, procurando, dedos.

Mal me ocorre que ela está deslizando os dedos na minha cintura, rasgando o tecido. Ambas minhas mãos estão colocando seu pulso na minha boca, minha mente inchando, expandindo, *quebrando* a cada novo gosto.

Calamity Mewls seu nome, o cheiro de sua excitação outro ataque aos meus sentidos. Sua mão delicada e quente envolve o comprimento duro do meu pau, apertando-o com toda a sua força.

Uma lasca de dor ricocheteia em minha ereção, em minhas bolas. Então ele se foi, substituído pelo prazer ardente enquanto ela me arrasta para fora da minha calça e me bombeia, apertando o punho, polegar brincando com o príncipe dourado Albert na ponta a cada passada.

E é ela. *Ela.* Esta fêmea deliciosa e selvagem que foi especificamente feita para mim com o pulso dela me alimentando e sua mão trabalhando meu pau.

Eu mal consigo abrir meus olhos.

É a visão dela, seu lábio inferior grosso preso por suas presas alongadas, o espaço entre seus olhos todo negros esmagados com paixão, sua pequena mão lutando para me empurrar, que me faz entrar.

Olhos nela, eu grito em seu pulso, de volta curvando-me com a minha libertação.

É interminável, uma onda após a outra. Seu polegar circunda minha ponta, espalhando outro jorro de esperma ao longo do anel de ouro, enquanto mais cai no chão da floresta, juntando-se às gotículas de seu sangue que ela deixou lá.

Eu odeio isso. Eu amo isso. Eu nunca serei capaz de viver sem isso de novo, essa mistura de nós. Essa mistura de nossas essências da maneira mais sexual e primordial possível.

Eu quero isso em sua porra de pele, minha semente e seu sangue.

Rasgando o pulso da minha boca, eu desmorono de volta contra a pedra, ofegante. Levantando. Murmurando desculpas frenéticas que caem em nossos ouvidos. Eu menciono o reino, as leis. Os escândalos já fermentados entre nossa civilização. O aumento das guerras contra nós.

Toda a lógica por que ela e eu nunca podemos ser.

Calamity meramente lambe a palma da mão dela, batendo em mim com um rápido vislumbre de sua língua sexy lambendo meu esperma, então ela lambe a marca da mordida que eu deixei, do outro lado de onde minha boca estava.

Meu corpo continua a tremer, congelado, quando ela enfia meu pau ainda duro em minhas calças arruinadas e calmamente me dá seu tiro de despedida: — Vá em frente. Divirta-se fodendo suas pequenas *curvas*, — diz ela, usando a palavra romena para prostitutas. — Tente se perder nelas com a memória da minha mão em seu pau e com o meu sangue em você. Atreva-se.

Desta vez, ela se desmaterializa, segundos antes de minhas pernas cederem. Não posso fazer nada além de deslizar na rocha para o chão, minha mente em farrapos.

Doze

Sono vermelho.

Vermelho, sempre vermelho. Visões do sangue dela que me seguem sempre que eu tento ignorar as outras visões. As coisas que minha mente continua inventando.

Isso me assombra tanto quanto o seu rosto. Sussurros de tormento que não posso ter.

Este corredor novamente. Este corredor escuro e praticamente abandonado, com suas esculturas antigas. Inscrições antigas de um tempo longo que foram transferidas para essas entranhas uma vez que nossa cidade foi transferida para cá.

Pedra negligenciada. História ignorada.

O suspiro de tecido se aproximando. Tem mais alguém aqui comigo?

Claro que eles estão. Eles sempre estão. Figuras de mitos, seres de lendas negras não são mais discutidos entre os nossos. Perdido no tempo, assim como as histórias esculpidas nessas paredes. Re-contagens que ninguém se importa mais.

Sonhos, como eu disse, pois apesar de todos os dias me perder um pouco mais, estou muito consciente de que essas visões estão me abordando em meus sonhos. Sonhos primordiais que se tornam mais fortes a cada noite que a mensagem não entra.

Mas qual é a mensagem?

Mais uma vez, o movimento ao longo do corredor, mais profundo na escuridão. O golpe de um jogo. A queima de uma luz minúscula entre todo aquele preto.

Um vislumbre daquele véu vermelho, aquela coroa tribal e assustadora.

Palavras em uma linguagem perdida que minha mente de alguma forma traduz. — *Éons de reprodução. Uma linha após a outra. E finalmente ela chegou. Meu descendente perfeito. Aquele com verdadeiro poder.*

A figura desaparece antes que eu possa alcançá-la.

Um passo atrás de mim, esse pesado. Masculino.

Por cima do meu ombro, vejo sua carne branca primeiro, mais pálida do que a carne de qualquer ser que já vi antes. Sua parte inferior do corpo é coberta por uma saia preta. Em torno de sua cintura estreita, um grosso cinto esculpido de ouro, incrustado com o que parece ser símbolos da linhagem da minha família.

Em volta do pescoço, um grosso colar de couro que o cobre da garganta até a clavícula. Seis cadeias caem de suas têmporas em perfeitos arcos que começam abaixo do queixo e também terminam em sua clavícula.

Na sua cabeça, uma réplica daquela coroa de ouro.

Olhos tão negros quanto os meus olham para mim de um rosto recém-barbeado que é familiar, tão familiar...

— *Salve-a. Guie ela. Ela é necessária.*

Sua boca não abre, mas sua voz soa alta e clara, um som ensurdecedor que cresce mais alto a cada momento que eu não respondo-

Meus olhos se abrem para o vazio do corredor, todos os vestígios de qualquer outra pessoa desaparecida.

Merda. Eu estou dormindo andando novamente.

Demasiado abalado e desorientado para prestar atenção às esculturas nas paredes, saio do corredor que leva às catacumbas e volto aos meus aposentos. A batida do meu coração é um aborrecimento, um companheiro que me causa dor e que eu não pedi. Um que eu não posso me livrar.

O medo é apenas uma partícula no horizonte faminto do meu coração. É a fome que a tortura. Essa luxúria que está me roubando da razão.

Suando, lutando para controlar meus arrepios, convoquei três escravas de prazer para o meu quarto. Normalmente eu mesmo vou para os haréns, mas de jeito nenhum eu conseguirei chegar lá sem atacar alguém no caminho.

Elas chegam em uma onda de carne nua, mamilos duros, quadris balançando e presas alongadas. Joias estrategicamente colocadas para melhorar seus números são ignoradas. Seu desejo de me tocar, me sentir, me provar, é ignorado.

Coloquei as três na minha cama, a primeira vez que tive companhia feminina nela para sempre, e me revezei na montagem delas. Batendo em qualquer parte de seus corpos que elas oferecem. É uma profanação selvagem, um ataque descuidado. Em um ponto, todos as três estão de joelhos na cama diante de mim, gemendo alegremente enquanto lambem meu pau e bolas, e eu estou revezando-me alimentando o máximo possível de seus pulsos.

Eu mal sinto nada disso. Eu mal estou aqui com elas, ponto final. Elas são substitutas pobres para ela, o que eu realmente quero. O que eu não consigo parar de pensar. Lembrando.

Ela me assombra.

Meus sonhos me assombram.

Eu acho que finalmente estou ficando louco.

Depois, eu mando as fêmeas embora está claro em seus rostos corados e satisfeitos que elas querem ficar para mais uma rodada. O

arrependimento é imediato, o cheiro de nosso sangue e orgasmos combinados é tão espesso entre meus lençóis que infecta rapidamente toda a sala.

Com raiva de mim mesmo e com essa fraqueza mórbida, sento-me em meus computadores e trago os registros recentes dos campos. Um parece chamar-me com o poder de um brilho de néon, piscando no topo da minha caixa de entrada.

São os relatórios do nosso braço cibernético - a única Calamity que acabou de ser nomeada líder.

Três semanas correndo. Um total de dez 'batalhas' cibernéticas ganhou. Um progresso sem precedentes, e desta vez até o conselho pareceu um pouco desconcertado com sua promoção dentro das fileiras.

A última vez que eu a vi, a toquei, a provei, ela tinha quatro tatuagens de triunfo de batalha. Ela deve ter muito mais nessa pele lisa agora.

Logo, ela será a versão feminina de mim. De olhos pretos, único entre os nossos, coberto de tatuagens para ajudar a proteger este império.

Incapaz de resistir a essa pequena conexão com ela - desde que ela voltou a me evitar, ignorando e silenciosamente me assombrando, eu abro os relatórios. Eu mal estou processando nada, essa confirmação de nossos inimigos se unindo contra nós.

Tudo que eu quero é falar com ela, digo a mim mesmo. Apenas fale.

Por impulso, eu puxo o nosso aplicativo de mensagens e abro uma conexão criptografada.

Pare de me evitar.

Porra. Não é isso que eu planejava enviar. Em absoluto. Como diabos eu vou nos manter platônico, se eu continuar perseguindo ela como um idiota?

O ícone informando que ela leu a mensagem acende, mas não há resposta.

Silêncio. Como sempre.

Nunca termina esse silêncio do caralho.

Meus dedos voam pelo meu teclado em um borrão. **Calamity.**

Finalmente, pequenas bolhas aparecem, indicando sua digitação. **Havia algo no relatório que você precisa que eu esclareça, tio?**

Está errado. Tão errado. O que é esperado de nós devido à nossa conexão familiar, mas não há como, em qualquer inferno, eu conseguir vê-la mais como minha sobrinha. Esses dias já se foram. **Você está me evitando. Pare. Está arruinando tudo.**

Desculpe? Você está implicando que eu sou a única que está arruinando isso?

SIM. A acusação por trás dessa palavra não pode ser escondida. Eu sei disso.

Eu vejo que você criptografou a conexão, então permita-me colocar isso claramente... VOCÊ É UM FILHO DA PUTA, IDIOTA E TOLO.

Sua resposta me atinge como um tapa. Eu volto no meu lugar, piscando para o monitor. Finalmente, a curiosidade se torna demais. Ou é o fato de finalmente tê-la falando de novo e estou desesperado para mantê-la assim? **Por que eu sou o idiota? Por me importar com esse império? Por me importar com seu pai e mãe? Por se preocupar com o seu futuro?**

Você quer dizer que o futuro está ocupado, certificando-se de que eu acabo compartilhando com outra pessoa?

E aí está. Finalmente. A única acusação dela que não estou pronto para responder. Aquela que nós dois sabemos que é verdade. Estou empurrando-a para longe a cada segundo de negação. É o objetivo final. Para acabar com esse desejo doentio que temos um pelo outro para que possamos voltar a viver nossas vidas.

Então eu posso vê-la com os outros, homem e mulher, e finalmente vê-la escolher um marido que estará ao seu lado...

Eu estou rosnando no silêncio do meu quarto com o pensamento, em chamas com a necessidade de massacrar esse homem sem nome, quando ela me envia uma mensagem final.

Eu não sou a única a arruinar alguma coisa. Você é o teimoso e velho idiota que pensa em me substituir por prostitutas, transando

com elas todas. Se você me der licença, acho que vou voltar a tirar páginas do seu livro.

E ela se despede, deixando-me aqui, preso na mais importante batalha perdida da minha vida.

Ela está indo lá para foder e se alimentar. *Agora.*

Eu estou fora da minha cadeira e correndo para me vestir, minha mente fixa em uma coisa.

Nela.

Treze

Eu não a impedi.

De fato, eu nunca a encontrei. Não puseram os olhos nela novamente até três dias depois na reunião do conselho para discutir as novas leis que estavam sendo promulgadas.

O objetivo de estar nessa reunião era obter informações suficientes para entender onde o reino realmente está.

A única coisa que eu levei embora é o fato de que ela agora tem nove tatuagens triunfais, e as cinco novas estão quentes pra caralho em seu corpo. Ela escolheu imagens antigas e primitivas, em vez das típicas que são escolhidas hoje em dia, e as escolhas me fizeram querer muito mais para mim mesmo.

Eu quero ela nua.

Eu quero ser aquele dando a ela aquelas lindas marcas.

Piscando para as câmaras de tatuagem, onde os soldados vêm para observar os rituais, bem como fazer o seu trabalho, eu olho entre a área lotada. Malachai me informou que ela estava fazendo sua décima tatuagem hoje. Ela deveria estar aqui.

O zumbido de armas de tatuagem enche o ar, o aço misticamente forjado esculpindo a carne imortal. Uma fêmea olha para cima de onde está tatuando as costas de outra fêmea. — Senhor, podemos ajudá-lo?

— Eu procuro a princesa. Disseram-me que ela estava aqui.

— Princesa Calamity pediu que Segil a tatuasse diretamente em seus aposentos, meu senhor, — um homem de cabelos escuros responde.

Outra tradição quebrada. Por que não estou surpreso?

Desmaterializando, eu vou para seus aposentos, o único lugar que não me atrevi a vir neste tempo todo. Ainda estou além disso agora. Além do cuidado. Mesmo quando meus olhos pousam sobre ela e Segil no meio da sala, onde ele montou sua estação de tatuagem temporária, estou ciente do perigo disso.

De onde está levando.

Mas eu não posso me impedir. Não mais.

Segil faz uma pausa instantaneamente quando ele me vê em pé aqui, no meio deste quarto preto e branco. Ele é o único que fez a maioria das minhas tatuagens para o último milênio e eu me pergunto se Calamity sabia disso quando ela pediu a ele. — Meu soberano. — Segil abaixa a arma e pisca aos pés para se curvar.

Calamity não reconhece minha presença, apenas suspira baixinho e olha onde ele deixou a tatuagem. O antigo símbolo da fênix está quase terminado ao longo de seu braço.

— Segil, nos deixe. — Eu empurro minha cabeça para as portas.

Isso chama a atenção de Calamity. Seu olhar fulminante se volta em minha direção, o aviso quente é óbvio e mortal.

— Mas senhor, eu não estava...

— Eu vou terminar a tatuagem para ela, Segil, — eu respondo, mas eu estou olhando diretamente para ela enquanto eu digo isso, desafiando-a a me negar isso.

Seus lábios se separam como se ela estivesse prestes a fazer, mas algo em meu olhar deve impedi-la.

Afobado e obviamente confuso, Segil se curva para mim, vira-se para cumprimentá-la e desaparece logo em seguida.

Calamity não diz nada, apenas continua a me encarar com sua fúria silenciosa.

Quantos amantes ela teve nos últimos dias que eu tenho procurado por ela? Não tomei nenhuma, obcecado demais em localizá-la, e o mero aroma dela ativa a sede de sangue. Somos dois batimentos cardíacos acelerados, ela e eu. Suas veias escuras e roxas parecem se oferecer para mim sob sua pele translúcida.

As bordas da minha visão pulsam. Com a boca cheia de saliva e veneno, corro o risco de me aproximar dela enquanto ela continua sentada naquele sofá preto de veludo. Devo partir antes que isso vá

além, mas a ideia de terminar a tatuagem dela, de ser a pessoa que a marca, é mais poderosa do que qualquer senso de autopreservação.

Ela se recusa a olhar para mim, olhando calmamente para a frente enquanto caminho e alcanço a arma de tatuagem inativa. As minúsculas gotas de sangue dela que vazaram através da tinta me quebram. De alguma forma, encontro a vontade de ignorar o chamado de sua sirene.

Ao pegá-lo, recorro a eras de experiência de batalha, de força, para controlar meu desejo de mergulhar em seu pescoço. Seu braço é sólido, esculpido pelo músculo feminino, como todas as fêmeas da nossa espécie, a pele quente em minhas mãos. Eu a seguro com uma mão e aponto a agulha com a outra.

Nenhum de nós fala enquanto eu retomo o que Segil começou. Cada passagem da agulha desencadeia outra explosão desse sangue cintilante. Eu engulo compulsivamente enquanto trabalho, chutando o pau dentro do meu jeans. Tudo o que ela precisa fazer é olhar para a minha virilha e ela não terá dúvidas de onde minha mente está.

Alcançando o pano na mesa de aço, eu limpo sua tatuagem. Vem riscado de tinta e sangue dela. Seu sangue doce, almiscarado e pulsante.

Eu aperto meus olhos fechados, aquele rugido crescendo na minha cabeça. *Mordida. Lágrima. Sugue. Possua ela!*

A mesa é empurrada para longe de nós com força suficiente para mandá-la voar. No começo eu acho que foi ela, até que eu vejo a minha própria mão jogando a pistola de tatuagem na direção da mesa.

Calamity está se arrastando para longe de mim, agora no sofá, olhos enormes rastreando meus movimentos.

E estou cuidando dela em um arco perfeito, um vampiro de fábulas antigas saindo de sua cripta para consumir a inocente virgem. Exceto que ela não é virgem e eu não tenho ideia de com quem ela esteve transando nos últimos dias.

Quando ela só deveria estar me fodendo.

Eu subo pelo braço do sofá, alcançando suas pernas chutando.

— Não faça isso! — Ela estala, peito arfando. — Não se atreva a começar algo que você não vai terminar!

— Estou comendo sua boceta. Agora. E eu estou muito bem terminando isso. — Eu ouço minha voz distorcida como se de longe. Minhas mãos tatuadas alcançam seus jeans pretos, rasgando o zíper. Reembolsando seu favor da outra noite.

Calamity se arqueia debaixo de mim com um suspiro e a visão de suas presas através dos lábios entreabertos me desfaz.

— Você está me bebendo enquanto eu engulo cada gota que sua boceta me dá, — eu rosno para ela, puxando os jeans para baixo dela.

Filho. De. Uma. Cadela. Ela é o que os humanos chamam de comando lá em baixo.

— Você anda por aí assim o tempo todo? — Eu me viro para ela, jogando sua calça jeans desfiada por cima do meu ombro.

Sem vergonha, ela se inclina para trás, espalhando as coxas deliciosas. Todo pensamento que eu já tive ou que nunca terei é embaralhado na pele suave e reluzente entre suas coxas enquanto seus lábios se separam para expor seu clitóris inchado. Eu estou sufocando com o cheiro disso, o quanto eu quero na minha boca, quando ela tem a coragem de lançar sua resposta para mim. — Facilita o acesso. Por que eu não deveria?

— Os deuses amaldiçoam você, Calamity. — Eu a levanto com um braço, colocando-a contra o braço do lado oposto do sofá, e forço meu caminho entre suas pernas.

Nem sequer tenho a chance de chegar lá. Ela bate em mim, dedos longos e graciosos trabalhando entre suas dobras nuas e suculentas. Há um pequeno pedaço de cabelo preto no topo de sua fenda, a decoração perfeita na linda boceta.

Com a boca entreaberta, peito arfando enquanto eu me esforço para recuperar a civilidade, eu vejo aqueles dedos pegarem aquela suculenta umidade. Então, com um sorriso maligno transformando seu rosto de aparência aparentemente inocente, ela ergue os dedos na minha boca, sussurrando: — Prove.

E eu sei.

Este é o fim da linha.

O ponto de não retorno.

Estamos prestes a ser irrevogavelmente alterados. Ela quer me possuir, e depois de hoje eu nunca vou viver em paz se eu não a possuir.

Todo este reino, meu irmão e sua mãe, podem não ser capazes de lidar com esse tipo de traição.

Mas eu não posso dar a mínima.

Gemendo, eu derreto contra ela, sugando seus dedos encharcados em minha boca.

Quatorze

O gosto dela faz exatamente o que eu teria previsto, desencadeando uma ferocidade que vai nos arruinar. Eu arrasto minha língua ao longo de seus dedos enquanto os libero, sugando o máximo que posso, antes de mergulhar direto para aquela boceta.

Eu colo para ela em uma longa lambida, trabalhando a ponta da minha língua ao longo de seu clitóris inchado.

Calamity grita meu nome, arqueando-se ao longo do braço do sofá, mostrando sua garganta para mim.

Eu só quero abrir as pernas dela, segurá-la e fodê-la como um animal, mas me arrancar dessa boceta vai ser impossível. Gemendo, eu beijo seu clitóris antes de passar minha língua novamente, amando o jeito que a respiração dela engata na sensação.

Deslizando minhas mãos embaixo dela, eu acaricio suas bochechas e outro gemido é arrancado de mim.

Porra. Mal posso esperar para ver sua bunda saltando quando eu a foder por trás.

Segurando-a até a boca, eu suplico sugando seus lábios e lambendo esse pequeno nó inchado.

Calamity pressiona as costas da mão até a boca, as presas afundando em sua pele e tirando sangue. — Oh deuses... o jeito que você faz minha boceta se sentir.

Perdido no cheiro de sua excitação por todo o meu nariz, boca e barba, mal consigo sentir o cheiro daquele sangue. Gemendo seu nome contra sua carne, eu a como mais rápido, lutando contra o desejo de morder um daqueles lábios suculentos e beber dela de lá.

Selvagem e completamente feroz, ela começa a mexer os quadris nos golpes da minha língua, seus dedos afundando no meu cabelo.

— Porra. Bem ali pequenina. Mostre-me como você gosta.

Ela geme ao meu comando, arqueando contra o meu rosto. — Coloque seu dedo em mim enquanto você me come. Eu quero sentir como seu pau.

Filho da puta. Perdido nela, eu lhe dou o que ela quer, deslizando primeiro um dedo, recuando, e voltando com três. Ela os pega com um grunhido vigoroso, sem deixar dúvidas sobre sua falta de virgindade.

Minha visão fica vermelha de raiva hipócrita.

Possessividade.

Lambendo-a mais rápido, deixei-a cavalgar meus dedos, amando como sua boceta fica mais molhada a cada passagem. — A quem isso pertence, Calamity? — Pergunta tola. Pergunta *perigosa*.

Minha queda embrulhada em cinco palavras.

Puxando meu cabelo, ela se move para me levar onde precisa de mim, seios arfando. — Você sabe que eu quero pertencer a... *oh!* Você. Você. Mas você é o idiota que não vai... *Merda Santa.* Foda-se. Bem aí, *por favor*.

Meus ombros sobem e caem enquanto eu luto por constrangimento. Estou tremendo com isso.

Calamity deixa cair as mãos, rasgando a blusa para desnudar os seios. Eles saltam montes livres, pálidos e gordos com seus duros mamilos rosados, a visão deles fazendo meu pênis vazar. Ela brinca com eles, apertando a boceta com necessidade, e eu quase a monto bem aqui.

— Você quer que eu te foda com força, — eu digo a ela entre lambidas vorazes.

Ela solta um dos seios, morde o lábio, fazendo-se sangrar ainda mais e agarra o tecido do sofá atrás da cabeça. — Eu quero que você me possua, seu idiota! — Aqueles olhos negros encontram os meus, escuros, sedutores, *possessivos*, e eu preciso morder o interior da minha bochecha para me impedir de fodê-la.

Gemendo, eu recoloquei, esfregando minha bochecha contra ela. Meu queixo. Absorvendo cada grama de sua excitação almiscarada e

sabendo muito bem tudo o que vai fazer é me assombrar mais do que a própria mulher. Mas eu não posso parar. Não vou parar. Chupando seu clitóris, eu mais uma vez luto contra o desejo de beber direto da boceta dela.

Calamity puxa meu cabelo mais forte, montando meu rosto. Como se ela pudesse ler minha mente, ela arqueia, choramingando: — Faça isso. Morda-me.

Eu amaldiçoo contra sua carne molhada e pulsante, espetando-a mais fundo com meus dedos. Estamos nos esforçando no sofá, fazendo-o guinchar pelo chão. Eu estou na porra do fogo e não importa o quanto dela eu engulo, não é o suficiente para aliviar a queimadura seca na minha garganta.

Boceta apertando em volta dos meus dedos, ela se agita novamente, a boca entreaberta no que parece espanto. — Faça isso, — ela sussurra entre suspiros, olhando nos meus olhos. — Beba-me.

O tempo diminui à medida que meu controle de impulso é obliterado por essas palavras. Olhos trancados com os dela, eu relaxo apenas o suficiente para apertar um dos seus lábios entre minhas presas, lentamente mordendo...

Eu a mordo, tirando uma gota de sangue. Ele bate na minha língua com toda a força de uma supernova, correndo direto em minhas veias. Bombeando meus dedos mais rápido, eu chupo seu lábio, puxando ainda mais sangue.

E isso é tudo o que é preciso para ela se quebrar em torno de mim, os sons molhados de seu orgasmo enchendo o quarto sob seus gritos.

Meus grunhidos selvagens e frenéticos.

O ar entra e sai dos meus pulmões, o prazer e o pânico se contorcendo em uma emoção dizimadora. Seu sangue inflama o meu próprio, fervendo, e eu não posso fazer nada além de fodê-la mais rápido com meus dedos, comê-la mais forte-

Calamity empurra minha testa com força suficiente para me empurrar para trás.

A privação é um inferno instantâneo, como se ser negada a matança, e todo instinto vampírico em meus tumultos corporais.

Isto é, até que ela sobe no meu colo, mãos puxando meu cabelo, trazendo-me à boca. Ela me beija com o mesmo fervor. Eu só comi sua boceta, uma mão caindo para acariciar minha barba molhada.

Eu a agarro a mim, manobrando-a enquanto nos beijamos, de modo que ela está sentada em cima de mim, com a boceta nua no meu jeans.

Sinto-a de qualquer maneira. Vou enlouquecer se eu não estiver nela no próximo segundo.

Não, Obsidian. Você foi longe o suficiente. Pare com isso. Meu pau discorda, quadris se esfregando nela.

Ela ronrona na minha boca, enrolada em volta de mim e retarda o nosso beijo para um deslizamento lânguido. Mãos esfregando meu peito,

ela me pede para me inclinar para trás contra o braço atrás de mim. Ainda me beijando, praticamente me drogando, ela trabalha nas minhas calças, e eu estou muito perdido para pará-la ou tomar o controle disso mais.

O som do meu zíper abaixando enche a sala. Eu rosno quando sua intenção se registra, o fato de que ela quer retribuir e chupar meu pau, meu coração acelerado com o pensamento de ver seu belo rosto lá. Eu deixei ela me posicionar, quadris balançando na direção dela.

Aquele sexy ronronar na minha boca novamente. Sua língua molhada provocando a minha. Sua mão envolvendo o meu pau.

Minha mente em branco, o instinto de reivindicá-la crescendo.

A primeira batida em suas portas não é ouvida. Ou talvez a gente simplesmente não tenha vontade de dar atenção. Mas na terceira batida, Calamity se afasta de mim.

A voz de sua mãe entra na sala do outro lado da câmara. — Calamity. Você está decente? Você me pediu para não vir aqui, mas isso é urgente.

Meu coração para na percepção de Alessandra a segundos de entrar aqui.

E Calamity está praticamente nua em meus braços.

Sua mão está no meu pau.

Mesmo se eu sair agora, eles não vão confundir os aromas da sala.

— Calamity? Estou entrando...

— Me dê um segundo, mãe! Eu vou sair logo. Encarando-me mais uma vez, — Calamity fala. — *Vai.*

Eu quero discordar. Recusar-me a deixá-la aqui para lidar com isso sozinha.

No entanto, minha sensação de pânico com a descoberta, o que a mãe dela e os cidadãos podem pensar dela quando isso acontece, praticamente me arrasta para fora do quarto.

Jogando-lhe um último olhar, eu desmaterializei de volta aos meus aposentos.

Não é até que eu estou de volta em meu quarto que eu percebo como Calamity totalmente despreocupada era.

Mesmo com sua mãe a segundos de nos pegar no ato.

Quinze

O tempo passa e espero pelo confronto com cada um. Uma reunião pré-concilio com meu irmão, nada. Refeições feitas com a família eram mais do mesmo. Alessandra interagiu comigo como se nada tivesse acontecido, não mostrando sinais de suspeita.

Como Calamity conseguiu evitar sua mãe? Ela deve ter, se Alessandra não pegou nossos aromas. Sua filha deve ter encontrado uma maneira de impedi-la de entrar naquele quarto.

Cada dia que passa minhas próprias suspeitas sobre a situação continua a crescer.

Infelizmente, o mesmo acontece com essa 'febre' estranha, por falta de um termo melhor.

A sede de sangue é uma zombaria comparada a isso. Luxúria? Ainda mais lamentável. O desejo de consumir Calamity - cada gota que o corpo dela tem para dar, fortaleceu-se a tal ponto que tenho *medo* de estar perto dela, e não pelas razões usuais.

Não importa o quão única ou poderosa ela seja, eu tenho dois milênios e meio. Ela tem vinte e um anos. Eu possuo a capacidade de rasgá-la ao meio, se não tiver cuidado.

Eu possuo a capacidade de drenar ela além do ponto de regeneração.

O que sinto ultimamente? Foda-se ter cuidado. O desejo de liberar toda a força do meu desejo sobre ela é uma fantasia tingida de violência, na qual estou dominando-a, espancando-a até que ela não consiga enxergar direito.

Tomando cada buraco nela, se ela foi tão longe ou não.

Não que manter minha distância faça diferença. Nunca fiz antes, então por que agora?

Ela ainda está me assombrando. Tentando chegar mais perto.

Como hoje a noite.

Eu estou perdido em outro sonho; Eu acho que sei disso mesmo quando o sonho começa. Desta vez estou na sala do trono, com seu teto abobadado, arcos que se cruzam e vitrais. Ele foi transformado em uma versão grotesca de si mesmo, com pétalas de flores mortas espalhadas pelo chão reluzente.

No meio, em frente ao pequeno estrado que segura os tronos, uma fêmea sem rosto se ajoelha em meio a dezenas de velas brancas acesas. A saia de seu vestido preto ondula ao redor dela. Cabeça inclinada para o

lado, ela segura as mãos diante dela, oferecendo-me o crânio de um bode bebê.

As luzes bruxuleantes das velas refletem os chifres dourados em espiral. Chifres que fazem cócegas em uma parte da minha mente, quase como se eu os tivesse visto antes.

Assim que abro a boca para exigir o nome dela, o cenário muda em um redemoinho. De repente está embaçado, céu azul, sem mais nada à vista.

Um sussurro quase indecifrável ao vento.

— *Obsidian...*

Ela está atrás de mim.

Eu me viro em uma onda de movimento, coração batendo com fome furiosa. Ela está ao longe, vestida de preto. Dois picos de madeira se elevam em um ângulo atrás dela. O vento bate seus cabelos negros diante de seu rosto, diante daqueles olhos negros, brilhando de luxúria.

— *Obsidian,* — ela chama de novo, mas seus lábios não se movem para fazer o som.

Eu estendo a mão para ela. Ela se cala...

Aquele vórtice de cor novamente enquanto tudo se transforma novamente. Desta vez, estamos de volta ao quarto dela e ela está rastejando em minha direção em sua cama, a parte superior de seu rosto

obscurecida por uma máscara de renda. Ela desliza um dedo naquela doce boca, silenciosamente me chamando de novo. — *Obsidian.*

Frenético, eu mergulho para alcançá-la, mas ela desaparece em finos fragmentos de fumaça. — Droga, Calamity. Eu aceito, ok? Eu desisto. Volte aqui!

Então, volto às catacumbas, mais fundo do que jamais estive, onde a pedra não é mais preta, mas envelhecida, bege envelhecida. Os desenhos antigos esculpidos nas colunas e arcos ainda retêm algumas de suas cores vibrantes, apesar do tempo que passou.

Um pé de pedestal de mim.

Além disso, portas.

Uma presença fantasma por mim, a fêmea no véu vermelho. Quando me volto para ela, o ar ao redor dela borbulha, como se ela estivesse de pé embaixo d'água. Sua coroa retorcida e primitiva está faltando. Seu rosto permanece oculto, mas as duas mãos que ela sustenta em súplica são pálidas como papel.

— *Cada resposta que você procura está em você. Lá. Por todas estas paredes. Na nossa história... neste rosto.*

O véu está rasgado para trás, expondo seu rosto...

O rosto *da calamidade*, submerso naquela água, os olhos brilhando em vermelho ardente, os cabelos fluindo como tentáculos demoníacos em volta dela...

Meus olhos se abrem do choque. Respiração correndo, eu sou confrontado por este corredor preto infernal mais uma vez. A passagem para as catacumbas, com suas paredes escuras e esculpidas.

Estou prestes a desmaterializar para o meu quarto quando Calamity aparece em um redemoinho de ouro a dezenas de metros de distância. Seu vestido não passa de uma colcha de retalhos de gaze dourada transparente, a coroa na cabeça minúscula comparada às costumeiras. Estendido de cada lado está o que parece uma bandana feita de balas de ouro. Há uma folha de cristal em forma de vidro circulando sua cabeça como um halo, e minúsculas estrelas douradas estão fixadas na borda.

É a coroa futurista mais estranha que já vi em qualquer mulher real desse reino.

Seus olhos escuros estão em azul claro, com duas pequenas lágrimas negras desenhadas sob os olhos.

Ela olha para mim com saudade tranquila.

Eu a quero mais do que qualquer coisa que eu já quis antes, suando disso, mas não posso tê-la. Eu não posso.

Calamity avança, a boca se abrindo para falar.

Sacudindo minha cabeça violentamente, eu tropeço para longe dela, essa criatura que me atormenta tanto.

Seus olhos brilham com raiva e uma dor quase alarmante.

Ela se desmaterializa à minha frente, me deixando aqui, confuso e tremendo com a dor física.

E é físico. Quase como uma doença.

O que diabos está acontecendo comigo? Eu volto para o meu quarto e passo meu braço pela minha testa. Vem revestido de sangue rosa claro.



Levo mais três dias para perceber algo que deveria ter sido óbvio para mim muito antes.

Calamity respeita meus desejos e mantém distância de mim, apenas cruzando caminhos durante assuntos militares ou sociais.

É a única vez que ela fala para mim, chamando-me de 'tio', sua saudação habitual.

Assim como antes.

Não posso dizer onde está a linha entre honrar meus desejos e me punir, mas não há dúvida de que isso também significa infligir dor em mim.

Está funcionando.

Quando eu tinha oitenta e dois anos, fiquei viciado em *sirat*. Nossa versão de haxixe, se você quiser. É uma das coisas mais viciantes conhecidas da nossa espécie, perdendo apenas para o sangue e o sexo, e nos mata com a mesma frequência quando se trata dela.

Essa retirada não é nada em comparação com isso. Esqueça esse fato que eu realmente considerei visitar os médicos reais sobre isso; É por isso que ela está fazendo isso que está me roendo.

Não importa para mim o que uma jovem mulher pensa ou sente. Não a este ponto.

Estou quebrando o coração da Calamity com minha negação.

Foda-se, tenho certeza que estou quebrando o meu.

Deixando meus computadores funcionando, eu finalmente me empurrei para a minha cama. Não dormi em cinco dias. Evitei isso de propósito, frustrado pelos sonhos sempre lúcidos e sempre vívidos que me roubam qualquer descanso real.

Caindo de bruços sobre as capas negras de seda, sou puxado para baixo em um instante, emergindo nas catacumbas mais uma vez. O mosaico de imagens e cenas é um ciclone de repetição. A mesma mensagem distorcida é exibida uma e outra vez.

O vórtice negro com sua voz sibilante e anamórfica. — *Você sabe o que é tudo isso. A resposta é sempre antes de você.*

Seu perfume me assombrando, mesmo nesta paisagem de sonhos, com seus sussurros surdos e provocadores. — *Venha até mim. Esqueça quem devemos ser um para o outro e tome o que é seu.*

O véu vermelho. A coroa. A figura que é Calamity ainda não é verdadeiramente ela. — *Éons de reprodução. Uma linha após a outra. E finalmente ela chegou. Meu descendente perfeito. Aquele com verdadeiro poder.*

O homem branco como papel em sua antiga roupa tribal, sua própria coroa cintilando em sua cabeça. Olhos negros, da mesma cor que os meus e de Calamity. Aquele rosto familiar que não posso colocar... — *Salve-a. Guie ela. Ela é necessária.*

Uma repetição daquela figura velada rasgando o tecido que cobre seu rosto, revelando sua semelhança chocante com a fêmea que está me atormentando. — *Cada resposta que você procura está em você. Lá. Por todas estas paredes. Na nossa história... neste rosto.*

Eu acordo com um grito, a luz do sol atravessando as janelas arqueadas me confundindo. Eu estava fora por tão pouco tempo? Era dia quando finalmente cedi à minha necessidade de descansar.

Cabeça batendo, gengivas doloridas, pau perpetuamente se contraindo, eu alcanço meu celular na mesa de cabeceira. Um vislumbre disso e vejo que tenho estado por um dia inteiro. Há dezenas de mensagens, todas de Dregan, Sandor e meu irmão.

Meu maldito irmão.

Meus dedos tatuados apertam ao redor do telefone até que eu posso ouvi-lo rangendo, o material ameaçando dobrar.

Ele é o único que pode me dar respostas. Aquele que esconde tudo.

Ele não está mais se escondendo. Recuso-me a aceitar isso dele por um único segundo a mais. É hora de ele me dar as respostas que eu procuro.

Se não por causa deste reino sangrento, então por *minha* causa, mas de qualquer forma é hora.

Limpando outra gota de suor de sangue da minha testa, eu me arrasto para fora da cama o tempo suficiente para tomar banho antes de ir em busca do próprio rei.

Dezesseis

Eu encontrei Malachai em sua sala. Desmaterializando direto para dentro, eu o pego desprevenido, olhando para a tela do computador com uma carranca feroz.

— Alguma coisa a ver com a Calamity? — Eu pergunto calmamente, quando por dentro sou tudo menos isso.

Pela primeira vez em quase três mil anos de ser seu irmão, vejo Malachai pular em seu assento, pupilas explodidas, olhos arregalados.

Se eu não soubesse melhor, poderia jurar que o suor começava a se acumular ao longo de sua testa.

— Obsidian, aí está você. — Alisando a mão em seu Sherwani preto, um blazer tradicional de estilo indiano; um estilo que nossa cultura adquiriu em um milênio atrás enquanto morava lá — ele se levanta para me cumprimentar. — Todos nós procuramos por você.

Odiando este quase estranho diante de mim e me perguntando como diabos chegamos a esse ponto, eu estreito meus olhos enquanto o

estudo. — Você quer dizer da mesma maneira que eu tenho procurado por respostas que você se recusa a me dar.

Lá está de novo. Aquela cintilação culpada. Aquele pânico. — Isso de novo? Obsidian, por favor...

— Não, *irmão*. Eu acho que você esqueceu os fundamentos do nosso relacionamento. Como sempre foi construído com confiança.

Ele coloca a mão sobre a superfície de sua mesa de mármore, mas seus dedos estão tremendo. Instável. Percebendo isso, ele empurra a mão para trás e cruza os braços atrás das costas. Então é sua vez de me avaliar com um olhar estreito, íris cor de avelã arrastando sobre o meu corpo. — Por que essa obsessão, Obsidian? Honestamente?

Porque ela está me deixando louco.

Porque ela está me infectando.

Porque o gosto do sangue dela e da sua boceta não vai me deixar em paz.

Porque no fundo eu sei que vou acabar reivindicando o que não posso possuir se não puder identificar por que e como ela está fazendo isso comigo.

Todas as coisas que não posso expressar em voz alta. Em vez disso, eu vou com outra verdade. — Porque você está quebrando todas as regras para abrir caminho para ela herdar seu trono. Você, um homem que ambos conhecemos, é fértil- afinal, os testes foram feitos sobre ele

recentemente como parte de uma nova tradição para garantir a sucessão da linha, mas escolheu, por algum motivo, não procriar com sua rainha. Em vez disso, você muda os mecanismos de funcionamento de todo um império, de modo que uma mulher que não seja sua biologicamente possa governar.

Malachai expulsa uma respiração frustrada. — Eu a amo como se ela fosse meu sangue, Obsidian.

Eu sei! Daí outra razão pela qual não posso tê-la! Sem mencionar a instabilidade deste reino devido aos tempos de rápida mudança e a esta nova mudança de lei. — No entanto, nada disso explica por que você selou seus arquivos médicos. Por que você está mudando tantas leis. *Por que você a deixou correr absolutamente selvagem!*

— É disso que se trata! Você está com raiva porque ela é uma mulher moderna que vai contra tudo em que sua mentalidade antiquada acredita!

Sua tentativa de me irritar me enfurece ainda mais. Eu não sou hipócrita. Eu tenho bastante autoconsciência para entender que estou lutando para me adaptar às mudanças na mentalidade das mulheres deste reino, mas isso é muito maior do que isso. — Não tente desviar e fazer isso sobre mim, quando ambos sabemos que você compartilhou minha mentalidade até *muito* recentemente.

Obviamente, lamentando seu curso de ação, Malachai se vira para a janela, enfeitando-me com uma visão de seu perfil tenso e pensativo. — Há coisas que você não entende, Obsidian.

— Porque você não vai me fazer entendê-los! — Eu me aproximo de sua mesa, o sangue trovejando nas minhas veias pela sensação de traição que seu sigilo provoca. — Eu tinha dezoito anos quando fui iniciado no exército. Meros anos depois, nosso pai estava morto e você era rei. E mesmo antes disso nunca houve segredos entre nós, Malachai. *Então, por que porra agora*?

— Obsidian, — meu irmão diz, usando esse tom que ele sempre usou quando éramos mais jovens. Apenas duas décadas nos separam, mas eu reconheço esse tom de 'irmão mais velho' toda vez que ele traz à tona. — Eu prometo a você, um dia eu serei capaz de confiar em você com essas respostas, mas como monarca esta é uma daquelas coisas que por enquanto eu tenho que resolver sozinho.

Besteira.

Doente e absoluta besteira.

Esse tipo de dor pode incapacitar um homem se ele não for cuidadoso. Uma vida inteira de confiança entre nós acaba se desgastando- não, *desmoronando* em um único instante de tempo.

O que torna ainda mais doloroso é como ele é indiferente. Quão egoísta de pé, olhando para a janela, o rei se convenceu de que estava fazendo a coisa certa, mesmo quando ele arruinava tudo ao seu redor.

Eu não sei o que aconteceu nos últimos cinco anos, mas este não pode ser o mesmo macho com quem cresci. Não pode.

Farto e à beira da raiva, deixo sua sala sem outra palavra. Por instinto, minha mente me leva para o mesmo lugar que costumava sonhar ultimamente, o enorme corredor que levava às porras das catacumbas.

Por que sempre volta a este lugar? É ridículo. Nenhuma resposta pode ser encontrada.

Espera. Isso não é exatamente verdade, agora é?

A mais terrível suspeita me atrai, como uma corda invisível e inquebrável. De repente, me vejo fazendo o que não consegui fazer semanas antes. Passo a passo, viajo pela passagem para as catacumbas. Usando minha velocidade sobrenatural, desço até a Terra, até chegar à primeira entrada.

De cada lado de mim, as velas resplandecem por si mesmas, destacando as paredes negras e as inscrições esculpidas há milhares e milhares de anos. E enquanto estou de pé aqui, olhando para o portal de pedra diante de mim com seu único e estranho buraco de fechadura que outra memória vem correndo de volta para mim.

O buraco da fechadura. Do lado de fora parece redondo, mas eu sei q dentro dele existe uma intricada espiral.

Assim como os chifres que o crânio de cabrito tinha em um dos meus sonhos. O crânio da mulher sem rosto estava me segurando.

Mas eles não eram chifres, eram? Minha mente tinha transformado a imagem enquanto me lembrava da existência da chave. À minha

esquerda está a inscrição daquele crânio e, como meu pai explicou uma vez, por trás desse pedaço de pedra está a chave.

Andando até a parede, pressiono a palma da mão na inscrição, mal surpreendido quando o único tijolo grande desliza primeiro para trás, depois para fora, até que finalmente desliza para um recesso na parede. A abertura à mostra é negra como breu, mas a voz do meu pai toca na minha cabeça de dois milênios no meio.

— A chave para as catacumbas está lá e apenas uma de nossas linhas pode fazer com que a pedra se mova.

Chegando lá dentro, sinto a chave. Meus dedos finalmente se fecham em volta, seguros em sua bolsa de veludo, mas mesmo através do tecido eu posso sentir os sulcos. As espirais.

Mais uma vez, como os chifres do bode bebê naquele sonho.

Em poucos minutos, usei a chave para abrir a câmara interna. Velas se transformaram em vida após minha entrada, controladas por uma magia que eu nunca me preocupei em aprender ou entender. Por que eu deveria ter? Na época em que nasci, todos os antigos ritos eram mais do que antigos. Nada além de histórias me ensinou como o herdeiro do trono de nossa família.

A câmara interna é uma miscelânea de relíquias. Pergaminhos Papiro. Esculturas, esculturas, pinturas, tudo organizado de acordo com a linha do tempo. É no final da câmara que encontro o que procuro.

A área dedicada aos primórdios da nossa facção. A história do meu ancestral mais antigo conhecido.

Dois retratos antigos, preservados pela mesma magia que percorre este lugar, me encaram das sombras.

Em um deles, é o macho. O dos meus sonhos com o rosto reconhecível. Meu ancestral, o primeiro macho a separar-se dos outros para criar essa nova facção. O primeiro rei.

Marduk.

Todos os machos da minha linhagem familiar se pareciam de alguma forma, mas o rosto de Marduk mais uma vez me atinge com um punho frio no centro do meu peito.

Pois esse é o *meu* rosto olhando para mim. Meu rosto, mas cinco vezes mais pálido e sem a barba que cobre minha mandíbula.

Ao lado dele está o retrato de sua rainha, sua rainha *louca*, agora que a história está voltando para mim. Uma rainha ainda mais pálida do que ele é...

Com sua impressionante semelhança com Calamity.

E como o resto da história, sua história - continua voltando para mim, eu tenho que finalmente admitir o que é brutalmente óbvio.

Éons e gerações podem separar Calamity e eu, a ponto de não mais compartilharmos o mesmo DNA, mas dez mil anos atrás compartilhamos os mesmos ancestrais.

O rei Marduk e sua meia-succubus, a rainha meio vampira Ninkasi.



Dezessete

Não temos um caso em dez mil anos e você esconde o nosso primeiro caso relatado de uma Campion de mim?

Malachai praticamente cai da cama. — Como nos infernos...

Alessandra está longe de ser encontrada. Mesmo expandindo meus sentidos, não consigo localizar um vestígio dela nos aposentos reais.

Frustrante. Teria sido a oportunidade perfeita para questioná-la também.

— Dez. Fodidos. Milênios. Malachai. — Parando diante de sua cama, cruzo os braços, fazendo o melhor para esconder o quanto estou tremendo.

O DNA de Calamity não é a única coisa que é rara.

As succubus são capazes de fazer qualquer pessoa entrar. Na maioria das vezes eles nem fazem isso de propósito. Eles exalam um feromônio que atrai a maioria dos seres ao seu redor.

Masculinos, femininos. Todos acabam querendo fazer sexo com ela. É biologicamente impossível para um dos nossos resistir.

Mas entre todos os vampiros, uma pequena parcela da população abriga uma fraqueza ainda maior para os succubus e os íncubos.

Nós acabamos nos tornando viciados, *ligados.* Corpos presos à experiência de tê-los, possuindo-os e incapazes de deixar ir.

— Estou falando com você! — Malachai está em sua cama agora, encolhendo-se em seu manto.

— E eu estou questionando você! — Eu grito de volta. — Um Campion entre o nosso tipo pela primeira vez desde a nossa rainha original, e você esconde isso de mim!

— Novamente! Como diabos você conseguiu entrar nos registros médicos? Malachai pisca diante de mim, agressão bombeando fora dele.

Exatamente o que meu corpo instintivamente quer. Ele está escolhendo o caminho hipócrita? Bem. Me dá mais uma desculpa para bater na cara dele.

Eu encontro meu irmão de frente, com as presas à mostra. — Foda-se os arquivos médicos. Quem precisa deles quando o retrato de Ninkasi ainda está nas catacumbas?

Jogando a cabeça para trás, ele assobia para o teto.

Não tinha pensado nisso, ele tinha?

— Merda, — ele amaldiçoa em voz baixa, se afastando de mim. — Você não poderia deixar o bem sozinho. Claro que você não podia.

— Por que você quer que eu faça? — Eu grito de costas. — Em vez de confiar em mim para ajudar com isso? — Em vez de me informar para que eu pudesse estar melhor preparado?

Melhor preparado. Que merda. Não havia me preparando para isso. Não quando compartilho da mesma fraqueza genética com os súcubos que o meu ancestral.

Seus números, embora sem fim estável, são pateticamente minúsculos se comparados aos nossos. Evitá-los - ou, no mínimo, não chegar perto o suficiente para pegar o feromônio, não foi difícil.

Agora há um diretamente sob o nosso teto e ela atingiu a maturidade sexual durante os cinco anos que passei, manifestando a plena natureza de sua metade-súcubo. Uma que eu estive perto.

Uma que eu *provei.*

— Você não entende. Você diz que esteve nas catacumbas, mas claramente ignorou a parte da nossa história onde...

— As contribuições de Ninkasi para nossa sociedade durante o caos dos anos fundadores. Você está fazendo todas essas escolhas com base nisso?

— *Sim*, Obsidian! Tudo está a mudar. *Tudo*. Você acredita que é a minha reescrita das leis que causaram as ondas em nossa sociedade...

Eu levanto a mão, esfregando o espaço entre as sobrancelhas com a outro. — Não. Eu não. Isso era inevitável. Sempre é. Com esses novos tempos modernos, era inevitável que tivéssemos que lidar com isso. Mas você acredita honestamente que deixar uma regra híbrida imprevisível, parte-succubus e parte-vampiro é a resposta. Não é uma questão, simplesmente eu repetindo sua crença.

— Ela é brilhante, irmão! Em uma escala não encontrada em nenhum outro lugar no reino. Você viu isso. Ele aparece na frente de um armário e rasga um tablet de dentro. O tablet é jogado às cegas em minha direção e, se ele não estivesse ciente dos meus reflexos, eu ficaria ofendido.

Pegando, eu olho para as informações na tela.

— Esqueça sua pontuação de QI...

— Estou mais preocupado com o que os humanos chamam de QE, — resmungo, analisando as palavras.

— Sim. Ela é emocionalmente instável e imprevisível devido ao seu DNA succubus e como ela exacerba sua natureza vampírica. Mas, com autonomia suficiente, ela também pode *prosperar* como o nosso ancestral já fez.

Eu ignoro seu comentário, percorrendo a informação a uma velocidade que confundiria os mortais. Dentro desses segundos, já absorvi tudo nos registros médicos, os mesmos que ele passou meses escondendo de mim. — Então, se Calamity não é motivo para estar

chateado, ela pode controlar os impulsos maliciosos de seu lado succubus. Você percebe o que está dizendo? Nós devemos dobrar uma civilização inteira para seus caprichos emocionais todos os dias?

— Claro que não! — A pele pálida do meu irmão fica avermelhada e ele tem a coragem de me encarar como se eu fosse o problema aqui. — Mas nós demos a ela o máximo de autonomia possível dentro da razão.

— *Dentro da razão*, — eu imito sob minha respiração, mais uma vez horrorizado com o fato de que ele está tentando lidar com tudo isso sem a minha entrada.

— Veja? É exatamente por isso que não o trouxe antes.

— Corte a porra da merda. Você teve a audácia de me dizer que há uma chance de Calamity não se casar. Isso tudo faria sentido se você estivesse procurando ativamente um parceiro para ela. — Mesmo sendo verdade, proferir as palavras envia um flash de Sede de Sangue e agressão em espiral através de minhas células.

Calamity se casando com outro.

Calamity permitindo que o macho se unisse a ela para controlar sua metade de succubo.

Empurrando o pensamento para o lado antes que meu irmão leia muito em minha expressão, deixo cair o tablet em uma mesa lateral comprida e encaro a parede. — Um parceiro é a única maneira de controlá-la. Alguém disposto a se tornar seu *încusă.* — O consorte de uma succubus, seu único provedor de sexo.

Minhas presas socam o comprimento total dentro da minha boca.

Cada músculo do meu corpo se incha, preparando-se para caçar esse macho.

Foda-me. Meu corpo está ligado a ela. Essa fraqueza genética que não tenho ideia de como lutar vai fazer com que aceitar isso seja impossível.

A menos que eu seja voluntário para o cargo.

O que me deixa onde sempre estive, preso entre duas impossibilidades, sem qualquer pista de qual caminho causará o menor dano.

— Ninguém fora da família real e os médicos sabem sobre sua natureza. Nem mesmo o conselho. Eles concordaram em mudar as leis para que ela herdasse o trono simplesmente porque todas as mulheres no poder exigiam isso.

Porque a mesma independência agressiva dada a ela por sua natureza succubos torna Calamity irresistível para aquelas mulheres famintas de mudanças.

— Você não pode esconder isso para sempre. Especialmente com os vislumbres que eu vi de Calamity quando apanhados em seus instintos. Suas estranhas perambulações à noite. Suas reações impulsivas e erráticas. Quanto mais tempo ela ficar sem consorte, quanto mais velha ela ficar, mais poderosa sua natureza se tornará.

— Esse não é o plano. O plano é facilitar a consciência de nossos cidadãos para aceitá-la antes de deixar cair esse tipo de bomba neles.

— Os arquivos médicos não mencionaram nenhuma razão pela qual seu DNA de succubus é ativado quando, por dez milênios, nenhuma fêmea em nosso reino, nem mesmo as filhas de Ninkasi e Marduk, mostrou qualquer indício disso.

Aparecendo tão antigo quanto ele é, Malachai embaralha para outro armário onde recipientes de sangue são armazenados. Ele faz um trabalho rápido de servir um copo e misturar com álcool.

Quando ele a oferece para mim, oferecendo-o, eu balanço minha cabeça em negação. Ele não sabe disso, mas simplesmente ficar aqui diante dele está me custando quantidades incalculáveis de energia.

Porra succubus do caralho. Cada célula do meu corpo está exigindo sua presença. Seu perfume. A sensação da sua pele.

Cada gota do sangue dela.

Malachai pega o copo que ele me serviu e engole em um único gole, mais uma vez evidenciando o peso desse fardo que ele decidiu não compartilhar comigo. — Os registros médicos não mencionaram isso porque simplesmente não sabemos. O corpo de seu pai foi cremado como é o costume, e ninguém em sua família direta tem qualquer indício do DNA neles. Testes estão sendo feitos constantemente em Calamity para tentar descobrir como aconteceu, dez mil anos depois.

E pensar que por meses meu cérebro febril, sob o ataque desse vício genético, expeliu uma imagem distorcida atrás da outra, tentando me fazer entender o que ela está fazendo comigo. Me avisando do infame efeito de succubus.

Os mortais modernos passaram a acreditar que são demônios de sonho, invadindo e seduzindo homens através de suas fantasias. E considerando que parte disso é verdade, na verdade não foi Calamity causando estragos em minhas paisagens de sonho. É o efeito dela em mim que desencadeou os sonhos obsessivos e febris.

— O que você vai fazer com essa informação, irmão? Continuar tentando diminuir o inevitável curso da progressão? — Malachai me pergunta com cansaço.

Eu entendo minha teimosia, minha talvez cega aderência aos velhos modos, mas sua pergunta é melhor deixada sem resposta.

Para que a vontade de bater com o punho no rosto não seja forte demais.

— Não há mais segredos, — digo a ele. — Sou seu segundo em comando por um motivo. Não pretendo atrapalhar qualquer progresso, mas se o progresso é o que você quer, é necessário um curso melhor. Um mais *cauteloso*. Com isso, deixo-o antes de deixar escapar a outra parte do que estou pensando.

A ideia mais perigosa de todas.

E se eu ceder a essa fraqueza em vez de tentar sobreviver à retirada?

E se *eu me* tornar o consorte de Calamity?

É possível.

E a principal razão pela qual me recuso a contar ao meu irmão, não é apenas devido à cautela que eu o avisei, mas ao meu próprio egoísmo.

Calamity pode ter mais de um consorte por toda a vida. Seu primeiro não precisa ser permanente. Apenas alguém para ajudá-la a controlar seus desejos até que ela escolha outra.

Sim. Porque você estará perfeitamente bem deixando alguém tê-la uma vez que você a possua.

Droga. Fazer esse tipo de escolha enquanto sob sua influência não é uma ideia inteligente.

A possua em segredo, dê a ela o que ambos queremos, então um dia a entregue a outro.

Ou possuí-la permanentemente, exigindo um título que nunca deveria ser meu, a menos que meu irmão morresse sem herdeiro, uma conexão direta para um dia se tornar *rei,* e destruísse minha família e esse reino com a escolha.

Dezoito

Eu adormeci.

Esse é o primeiro erro que cometi.

Meu segundo? Subestimando o quão longe foi a minha última retirada. Já faz semanas desde que me alimentei dela pela primeira vez. Semanas desde que eu tinha minha boca em sua boceta. O delírio cresce a cada dia. Que razão os sonhos têm para diminuir?

Nenhum. E assim que estou debaixo, estou perdido mais uma vez.

Eu estou acordado pelo som de vários suspiros. Em um momento impressionante de clareza, as paredes de veludo do harém aparecem. Ao meu redor, seres se espalham para trás, afastando-se da minha entrada repentina.

Isto é, até que eles reconheçam quem eu sou.

— Obsidian. — De joelhos, nua, exceto pelo cabelo loiro-mel e a corrente de prata em volta da cintura, Almira se aproxima mais de mim.

A fome em seus olhos não é nova, mas a maneira como ela lambe os lábios enquanto olha para o meu pau é a primeira dica de que algo está errado.

Ou seja, minhas roupas.

Eu adormeci nu novamente e depois de outro sonho com Calamity, não é surpresa minha ereção balançar diante de todas elas.

Mais algumas das mulheres suspiram meu nome.

Sem lhes dar uma resposta ou explicação, voltei aos meus aposentos, onde cometi meu terceiro erro.

A decisão já foi tomada. Subconscientemente eu sei disso. Infernos, na vanguarda da minha consciência, essa voz está chamando em declarações perfeitamente pronunciadas, cada uma levando a um único ponto.

Eu não deixarei ninguém tê-la.

Não posso permitir que ela continue correndo à mercê de seus impulsos instáveis.

Mais do que qualquer outra coisa, meu corpo é uma série de sintomas contraditórios, dores febris que se chocam com calafrios que batem os dentes. O fogo nas minhas gengivas, na minha garganta, é pior do que qualquer outro que eu tenha lutado ainda.

Eu tenho uma questão de horas, se isso, antes de me perder para isso. Seja qual for '*isso*' é. Talvez seja uma luxúria sangrenta. Talvez seja

a experiência de quase morte de uma retirada do porão de succubos. Mas provavelmente, é uma combinação de ambos, e se bem me lembro, Marduk acabou cedendo para salvar a si mesmo, assim como sua civilização novata, da influência de Ninkasi.

Olhe para mim. Falando sobre meus antepassados há muito tempo como se eu os conhecesse.

Não importa o quanto eu arranhe meu cérebro, não me lembro se os sintomas registrados de Marduk eram parecidos com os meus. Outra viagem às catacumbas para confirmar isso, fico surpreso quando vejo que meu irmão não tentou me trancar me custa mais meia hora.

Estou de volta ao meu quarto, lutando com a futilidade disso. Tentando reorganizar as peças em minha mente e prever vários resultados diferentes.

Meu celular toca na minha mesa e eu quase não percebo isso. Vendo Tallon, o chefe da guarda real, nome na tela, sinto uma mudança no ar ao meu redor. Uma premonição muito poderosa para ser falsa.

Já suspeitando do que se trata, desde que pedi atualizações dele em cada uma das excursões da princesa - atendi a ligação.

— Meu senhor, eu estou chamando como por seu pedido em relação à princesa...

— Onde ela está?

— Ela veio aqui com nove de seus amigos e exigiu uma escolta imediata para o mundo humano...

— Onde. É. Que. Ela. Está? — Eu não posso desmaterializar em sua direção sangrenta a menos que eu saiba onde estou indo.

— Eu - nós - ela exigiu que todos viajassem sem os veículos blindados, se desmaterializando diretamente para o local. E depois... Senhor, então ela parecia controlar mentalmente a todos, incluindo os guardas. Todos eles desapareceram!

Essa porra de succubus impulsivos... Há pelo menos quatro recompensas confirmadas em sua cabeça agora que ela é uma general em nossa divisão cibernética, e ela foi informada disso! Ela sabe o perigo que está se colocando! — Rastreie os malditos telefones celulares!

— Nós tentamos, senhor! Todos os quatorze vampiros desapareceram da nossa grade de rastreamento. Tallon está fora de si, claramente incapaz de entender como Calamity realizou o que ela fez.

Ele não sabe que uma vampira com DNA ativo de succubus está caminhando entre a nossa espécie. Todos os vampiros e vampiras naquela festa eram suscetíveis a ela. Despertados por ela. Daí sua capacidade de exercer sua vontade sobre eles tão facilmente.

E eu? Eu sou ainda mais fraco do que eles. A exposição prolongada lhe dará poder sem precedentes sobre mim.

— Faça com que as equipes cibernéticas procurem por qualquer tipo de malware e consigam essas coordenadas! — Calamity invadiu nossos

servidores. Essa é a única explicação lógica. Ela bloqueou nossa capacidade de rastreá-la - *a porra da princesa.* — Estou indo para Bucareste para procurar por ela. — Eu desligo antes que ele possa responder, moléculas se dispersando.



Bucareste, Romênia

A batida é quase tribal, as luzes piscantes são um composto de cores destinadas a incitar os sentidos. Se os humanos que ocupam o lugar das vigas se perderem no primitivo apelo da distração, imagine alguém como eu, com os sentidos ampliados dez vezes além dos seus.

É ensurdecedor, um hot rod cutucando todo instinto básico que possuo. Confusão é igual a agressão para alguém da minha espécie, e esse bombardeio nos meus sentidos é quase mais do que posso descobrir.

Ignorando o olhar de olhos arregalados e apreciativos das fêmeas humanas que me seguem, pobres criaturas perdidas que cobiçam seus próprios juízos - inclino a cabeça para trás e inalo mais uma vez.

Peneirar os centenas de aromas contraditórios alimenta a crescente letalidade.

Estou além da sede de sangue. Possivelmente em uma versão sombria e quase retirada. Tudo o que sei é que posso sentir o suor agitando minha testa; minhas presas são tão grandes que só minha barba e as luzes piscantes podem ser responsáveis pelos humanos não perceberem.

Logo, eu vou estar suando sangue novamente, olhos inundando completamente de fome, e a razão para tudo isso não está à vista.

Eu vou encontrá-la. Deuses a ajudam.

Lutando para manter uma velocidade mortal, eu trabalho em direção a uma das duas áreas VIP. No palco circular no meio do clube, uma fêmea de couro e jóias gira em torno do poste. De cada lado dela, acrobatas rodopiam em meio a renda branca pura, corpos ágeis brilhando graças aos holofotes.

As pontas sensíveis dos meus dentes pastam ao longo dos meus caninos inferiores e os sinto alongados também.

Se eu não encontrar a mulher que estou morrendo para me alimentar logo, todo mortal neste lugar estará em risco. O estalo final é sempre instantâneo, onde passamos de raivosos com fome a um modo de ataque instintivo que deixará a vítima mais próxima em grave perigo.

Possivelmente mais de uma vítima.

Nesse ponto, me impedir de drenar a vida deles será impossível.

Subindo o pequeno lance de degraus até o segundo nível, faço uma pausa para farejar o ar uma última vez, plenamente consciente de que cada segundo é precioso. Devido ao lado da succubus de Calamity, sua influência sobre mim tornou-se puramente demoníaca.

Eu poderia me alimentar de todos aqui e isso ainda não vai parar essa queda na loucura.

Um leve traço de seu perfume chega até mim e meu corpo se sacode, a cabeça estalando em sua direção. As bordas do túnel da minha visão me deixaram com apenas uma visão: Calamity no final de um corredor estreito, um homem humano preso à parede por seu aperto em sua garganta.

Um macho humano em quem ela está inclinada, com as presas à mostra, prestes a atacar.

Atrás e acima dela, o orbe vermelho piscando de uma câmera de segurança é um farol entre as sombras.

Para todos que alguém sabe, pode haver mortais observando-a neste momento, vendo o que parece ser uma mulher de cinquenta e cinco quilos segurando um homem de quase cem quilos ao pescoço.

Eles estão prestes a vê-la se alimentar.

Minha visão escurece.

O túnel se expande, abrangendo cada um dos meus sentidos. Barulhos se filtram como que de longe, quase abafados pela pressão.

— O quê - Obsidian! Deixei. Eu. Vai. Pare!

Meu entorno bate de volta no foco com um *estalo*, assim como meus ouvidos pegam o som de saltos guinchando ao longo do concreto.

Coração rugindo entre as minhas orelhas, eu luto para respirar decentemente, olhos pingando ao meu redor.

O som que acabei de ouvir foi o calcanhar indecente de Calamity. Ou eu instintivamente a joguei, ou ela se arrancou do meu aperto. A uma certa distância, no fim do beco - acabamos de alguma forma entre dois prédios curtos em algum lugar de Bucareste, ela está agachada diante dos profundos bosques que ela deixou no concreto, as pontas de suas garras pretas presas no chão embaixo dela.

Olhos completamente negros me dominam e seus lábios vermelho-cereja se partem com um silvo.

No outro extremo, as luzes de uma cidade fundaram quase dois mil anos antes do derramamento até a metade deste beco. Os cidadãos mortais andam, e provavelmente os imortais também. Nossos inimigos permeiam essas ruas.

E a fêmea que eu venho colecionar, a fêmea da qual eu preciso me alimentar antes de terminar de cair em minha forma mais básica, está presa em sua própria sede de sangue, a fúria em seu olhar absoluto.

Ela se agacha, longos cabelos negros deslizando ao longo do couro vermelho-sangue de seu vestido. O imenso diamante negro preso a suas gargantilhas e seu peito sobe e desce sob aquele colar transparente de renda preso ao corpete de seu vestido. — *Como você ousa tirar minha presa de mim?*

Não é a mesma Calamity lá. São impulsos animalescos puros, qualquer pensamento racional despojado.

Ofegante, eu rasgo a gola da minha camisa, rasgando uma boa parte para expor meu pescoço. Puxando minha jaqueta de couro para fora do caminho, eu inclino minha cabeça e a ofereço a ela. — Você vai se alimentar de mim a partir de agora, — eu rosno passando minhas presas. — Somente. Eu.

O espaço entre a testa dela se franze, os olhos brilhando no meu pescoço. Eu posso *sentir* sua fixação na artéria, sua sede subindo no ar. No entanto, ela sacode a cabeça, rasgando o olhar e se prepara para atacar. — Não. Eu quero o de antes.

O macho humano que eu não deveria ter deixado vivo.

Aquele que eu vou voltar e eliminar se ela não for cuidadosa.

Eu me aproximo, preparado para forçar o sentido dentro dela, quando ela pisca fora de seu agachamento, apontando para mim pela boca do beco.

Amaldiçoando, a pele queimando pela necessidade de tê-la, eu pretendo bloqueá-la, minha mão já saindo para agarrar qualquer parte dela que eu possa.

Dezenove

Meus dedos envolvem carne quente e macia. Estamos nos movendo muito rápido para eu realmente ver qualquer coisa, mas assim que eu percebo que eu tenho ela em minhas mãos, eu olho para nós. Calamity bate contra um dos edifícios e a fachada treme com o impacto.

Nunca chame a atenção humana sobre si mesmo. Se fizer isso, deixe a cena o mais rápido possível. Apague todas as evidências de você estar lá. As regras pelas quais os vampiros vivem para evitar a detecção mortal.

Regras que estou ignorando agora.

Calamity solta outro daqueles assobios, afastando-se do prédio.

Bloqueando seu caminho, eu pressiono meu corpo contra o dela, nosso peso combinado fazendo com que os tijolos seculares quebrassem.

Ela se agita no meu aperto, empurrando meu peito. — Fora do meu caminho, maldito seja você. *Estou com fome.*

Segurando a parte de trás de sua cabeça, eu viro minha cabeça e a aproximo para o lado exposto do meu pescoço. — Alimentação. Fora de mim. Agora.

Suas lutas se intensificam, me confundindo. Sua fome por mim está em todas a nossa pele, o cheiro disso é um inferno neste beco. — Você não. Me solte.

— Sim, *eu*, — eu grito, minha mente mais uma vez se fixando naquele humano. Um ciúme imenso bate no meu sangue.

Calamity cava suas garras no meu peito, o corpo deslizando sinuosamente ao longo do meu enquanto ela luta para me escapar. — Eu não suporto você!

Eu pisco para ela. — Por meses você me assombrou, dirigindo-me a este ponto, e *agora* você está *brava* comigo?

Pergunta errada. Seu rosto se contorce de fúria, os incisivos se tornando mais nítidos, e ela joga toda a sua espera para me empurrar de volta. — Vá ter uma de suas putinhas no harém se alimentando de você. — Ela se foi em um borrão, correndo por mim ao invés de se desmaterializar.

Estou atrás dela nos poucos segundos que me levam a perceber seu significado: a notícia da minha visita de andar no sono ao harém deve tê-la alcançado. Ela acredita que eu já dormi novamente com outro em vez de estar com ela.

Eu não tenho me alimentado de outra fêmea desde que tive sua boceta na minha boca.

Nós corremos além de um mercado de rua cheio de humanos. Os humanos não nos veem na velocidade em que estamos indo, mas quando

Calamity passa por uma barraca cheia de lenços, toda a estrutura balança como se fosse fustigada por um forte vento.

Os humanos saltam para trás, olhando por cima dos ombros para a fonte desse vento.

Amaldiçoando sob a minha respiração, eu empurro minhas pernas com mais força. Ela está indo rápido o suficiente para se tornar um borrão, mesmo para os meus sentidos, e mal posso distinguir seu contorno.

Cabelo fluindo descontroladamente atrás dela, ela olha por cima do ombro e me vê chegando. Seu corpo se desenvolve enquanto ela tenta fugir, mas a quantidade de concentração necessária para a tarefa é maior do que ela consegue administrar.

Mais do que qualquer um de nós pode gerenciar.

Ela precisa entender que ou encontramos um lugar para nos entregarmos em particular, ou essas pessoas *se* tornarão nossas vítimas.

Dois vampiros atravessando as ruas de Bucareste, alimentando todos à vista.

A herdeira do nosso reino e seu comandante de mais alto escalão.

— Calamity! — Eu grito, as repercussões de nós perdendo o controle me perseguindo.

— Fique longe de mim! — ela grita de volta, acelerando mais rápido.

Estamos nos aproximando das bordas da cidade, a alguns quarteirões de onde começa a Floresta Bãneasa. Meu alívio pelo fato de ela estar indo para casa é de curta duração; Nenhum de nós pode pisar no reino desse jeito.

Seus cheiros em cima de mim e os meus em cima dela.

Nossas características se transformaram com a luxúria do sangue.

Qualquer um que nos vê a poucos metros sabe o que causamos um ao outro.

E quando deixamos para trás o movimentado centro da cidade, o céu acima de nossas cabeças começa a se tornar mais sombrio.

O nascer do sol está se aproximando.

Eu sugo uma respiração forte, meu coração acelerado em pânico por ela. O lado vermelho da floresta, nosso domínio oculto, é o único lugar seguro para pegá-la.

Com isso em mente, eu virei para a esquerda, correndo em um arco ao redor dela, colocando cada milênio que eu tenho nela para usar. Tão forte quanto ela é devido ao seu DNA combinado, tão rápido quanto a faz, eu ainda sou o mais forte dos dois. Em poucos segundos, ela atravessa a linha de árvores onde a vida das plantas fica vermelha e cinza escuro, suas pernas poderosas bombeando, calcanhares mal tocando o chão enquanto ela corre.

Suas costas são um arco gracioso, a curva da bunda dela é perfeita naquele vestido de couro.

Eu paro bem em seu caminho, observando como o sol nascente perfura o dossel protegido, trazendo para focar a magnitude de sua natureza vampírica.

A pele pálida. Aqueles olhos totalmente negros. Veias destacadas em uma sequência de linhas pretas e vermelhas escuras. Uma necessidade insana e doente torcendo os belos ângulos de seu rosto.

Flexionando meus dedos, eu arrasto minhas unhas ao longo do meu pescoço, sibilando como poços de sangue quente para a superfície.

É um truque calculado. Se o sangue dela tem o poder de me deixar de joelhos com seu aroma, só posso supor que o meu faz o mesmo por ela.

E ela ainda não se alimentou de mim.

Mas ela está fodidamente prestes a fazer isso.

Calamity faz uma parada a dez metros de mim, olhos frenéticos já presos no meu pescoço.

Eu não dou a ela tempo para duvidar ou tentar fugir novamente. Em uma última explosão de velocidade, eu a levanto em meus braços.

Ela luta comigo instantaneamente, nos impulsionando para uma das árvores. Eu levo o impacto, indiferente que a árvore se solta de suas

raízes, colidindo com outra perto dela. Puxando-a pelo cabelo, enfio a boca nas feridas sangrentas do meu pescoço.

— Oh deuses. Eu não posso... — Suas pequenas presas cortam em mim e um grito é arrancado do fundo do meu peito.

Em um segundo, o mundo se dissolve em ondas de prazer acelerado. Calamity se enrola ao meu redor, pernas e braços se apertando. Sua próxima puxada deixa meus joelhos fracos. Eu não posso fazer nada além de agarrá-la, tropeçando para recuperar meu equilíbrio, meu pau batendo com a necessidade de gozar.

Rosnando, sugando, ela agarra minha camiseta, minha jaqueta de couro. O material é retirado do meu corpo. Ela solta a mordida o tempo suficiente para se reajustar, em seguida, ataca novamente ainda mais fundo.

Caindo de joelhos, eu agarro sua própria roupa, mal conseguindo ver pela sensação de sua mordida. As cores da floresta se desfocam, borrando, enquanto Calamity me empurra de volta para o chão da floresta, sua doce língua lambendo meu sangue.

Em poucos segundos, ela está rasgando meus jeans.

Eu tenho um momento de clareza, sua intenção explodindo, e então ela está sentada em mim, ainda chupando, puxando o vestido sobre os quadris.

Sem calcinha por baixo. Apenas aquela carne molhada e brilhante se abrindo para mim, procurando meu pau.

Eu gemo seu nome, tonto, a ponta do meu pau brilhando com pré-gozo. Meus dedos dormentes entram em suas coxas. Rosnando, ela me engole mais um pouco e alcança entre as pernas para me agarrar.

Um piscar de olhos; é tudo que ela me dá antes de me guiar para a abertura dela. Ela recua, olhos negros sem fundo nos meus, suas veias sangrando vermelho e preto ao longo de sua pele de marfim, e desce sobre mim.

Uma polegada molhada e apertada de cada vez.

De costas, quadris levantando do chão, eu grito em direção ao sol, a cabeça caindo de volta no chão.

Uma rotação de seus quadris, meu comprimento sugado pela boceta mais deliciosa e sedosa que eu já estive, e eu estou deixando uma bagunça, vindo contra a minha vontade. — Puta merda, Calamity! — Chorando, ela ataca novamente, desta vez empalando o outro lado do meu pescoço. — *Foda-se*!

Minha fêmea se alimentando de mim.

Meu pau enchendo-a de semente.

Nossos corações batendo no tempo, a pulsação quase quebrando meu peito aberto.

Garras se cravam nos meus peitorais. Suas coxas flexionam em ambos os lados de mim. Então ela está me montando com cada

pedacinho de sua velocidade sobrenatural, o rabo saltando em minhas mãos, misturando um orgasmo a outro mais forte e iminente.

Ainda não está totalmente registrado que estou dentro dela, suas paredes sedosas me ordenhando, e ela já está à beira de explodir novamente. O prazer aumenta na minha virilha, minhas próprias coxas se flexionam com a força. Minhas mãos trêmulas movem o cabelo para trás, arrancam aquela gargantilha. Como uma bala, voa pelos troncos de várias árvores, o grande diamante negro atua como um projétil.

Não dou a mínima. Vou encontrá-lo mais tarde ou comprá-la outro.

Gemendo, puxo o cabelo para fora do caminho, revelando aquela artéria deliciosa. Ele pulsa para mim ao mesmo ritmo de sua vagina, me implorando para mordê-la.

Para levá-la em mim mais uma vez e fortalecer seu domínio profano sobre mim.

Com os lábios se separando, lanço-lhe meu próprio golpe, empalando seu pescoço fino e frágil com meus dentes monstruosos. Tudo gira no meu primeiro gosto, o mundo mais uma vez se tornando um perfeito caos. Alimentando um ao outro. Encontrando cada centímetro de seus quadris com meus impulsos. Sentindo-a pingando seus sucos e meu esperma em mim.

Mãos agarrando-a, cavando as bochechas rechonchudas de sua bunda. Ondulações frenéticas, procurando, colocando um dos seios em minha palma, brincando com seu mamilo distendido.

— Oh foda, — ela engasgou debilmente, liberando sua mordida, cada centímetro de seu tremor.

Sugando outra onda grossa e deliciosa de seu sangue em mim, eu saio do chão. O som de suas costas impactando o chão faz com que tudo se mexa, uma ligeira cratera em forma de corpo se formando.

Meus dedos tatuados rasgam o último pedaço desse vestido, levanto uma perna por cima do meu ombro. Eu ainda estou dentro dela, apenas a ponta perfurada, e poupo um segundo para ver isso.

Minha. Minha mulher. Pensamentos perigosos.

Pensamentos incontroláveis.

Seu sangue escorrendo pelos lados da minha barba, eu puxo seus quadris do chão. — Segure-se em mim, pequenina. *Agora.*

Suas garras me seguram, seus olhos negros sangrando apenas um pouquinho de vermelho. O suficiente para me deixar ver além da escuridão deles, para ver sua pupila dilatada por dentro. As veias pretas e vermelhas que aparecem através de sua pele a fazem parecer como se tivessem sido esculpidas em mármore.

No meu primeiro impulso, seus seios balançam obscenamente, provando que ela é tudo menos isso.

Minha cabeça estala para trás, uma risada dura rompendo. Quantas vezes já vim? Duas vezes? Três vezes? Não importa. Esse novo ângulo, o

quão profundo ela me leva, o jeito que ela parece enquanto eu lhe alimento com meu pau, já me deixa à beira novamente.

Eu levanto a outra perna por cima do meu ombro, dobrando-a ao meio, meus punhos no chão em ambos os lados dela. — Você me queria? Você está prestes a me pegar.

— Oh deuses. — Há uma pitada de ansiedade em seu olhar, mesmo quando sua boceta continua a tremer.

A meia-succubu, metade vampira, com medo do que estou prestes a dar a ela.

Não há como voltar atrás agora.

Eu dividi sua vagina aberta com este novo ângulo, estendendo-a ao limite. Girando meus quadris, eu gemo em direção ao céu novamente, dando-lhe um momento para se preparar.

Ela faz, me arranhando mais fundo, mordendo o lábio até que sua boceta e seu sangue é tudo que eu posso sentir o cheiro. Eu posso sentir a memória queimando em minha mente, mesmo quando eu empurro para trás, os músculos se apertando.

Aquela doce boceta enrolada em volta do meu pau, eu empurrei de volta com cada força que me foi oferecida por quase três mil anos de batalha.

— Deuses, baby, bem aí! — Ela grita, arqueando em minhas mãos, exigindo mais. — Aí você é grande. Nunca senti nada... como isso...

— Você nunca vai, — eu rosno, empurrando mais rápido. — Você não vai sentir nada além disso pelo resto de sua vida imortal, garotinha. — A declaração mais perigosa até agora, uma promessa que eu não deveria estar fazendo, mas parar a mim mesmo não é possível.

— Forte. *Mais*, — minha succubus exige, mesmo que eu já tenha dado a ela várias cargas.

— Você vai me secar, não é? — Suor de sangue em minha testa, eu me inclino mais perto dela, os quadris empurrando em um borrão. — Foda-me e me sangre até que não haja mais nada de mim.

— Você não tem ideia — ela sussurra, inclinando-se para lamber o suor de sangue da minha bochecha.

— Ah, foda-se. Você está me deixando louco. — Eu bato meus lábios nos dela, sugando seu sangue, o meu, o gosto de nossa excitação e suor combinados. Estou tão fundo quanto posso entrar nela, batendo com tanta força que o chão abaixo de nós é pulverizado em poeira, e ainda não é suficiente.

Ela está em mim. Ao meu redor. Na minha pele. Deslizando ao redor da minha alma, como uma infecção sombria e simbiótica que eu posso sentir me mutando, me matando.

Me fazendo querer essa morte apesar de todo o meu senso comum.

Calamity treme, ofegando, as pernas enrijecendo sobre meus ombros.

Prestes a vir.

Eu fico enlouquecido com isso, precisando sentir isso, precisando vê-la, ouvi-la, dar-lhe tudo o que seu lado succubus deseja.

— Puta merda, Obsidian, eu não posso...

— Sim, você pode foder. Você foi feita para isso, para mim. Pegue o que você pediu. Tudo isso.

Seus olhos brilham com aquele espanto delirante, com *dor*, segundos antes de seu pescoço se contrair, sua boca se partindo em um grito.

Eu não posso respirar, tremendo todo. Seu orgasmo me puxa contra a minha vontade. Eu a fodo como a fera que ela me transformou, se afogando nessa linda mulher. Essa felicidade crua e inebriante quase me consome, transformando-se em uma nova onda de sangue que eu nunca experimentei antes.

Perdido no prazer, lançado em algum lugar além da habilidade da fala, eu recupero minha mordida no pescoço dela. Seu sangue corre para mim como se estivesse esperando para fazê-lo, ondas grossas e pulsantes de vinho escuro e poderoso que acabam quebrando o que restou de mim.

Quadris percorrendo implacavelmente, eu a fodo, me alimentando dela, seus gritos roucos e sensuais alimentando minha mente fodida. Em um ponto, percebo que estou tentando praticamente rastejar para dentro dela, suas pernas em volta de mim, seus quadris em minhas mãos. Eu

empurrei através dos tremores secundários, lambendo seu pescoço como um animal perdido e irracional.

Dedos no meu cabelo, ela me rasga de volta, lábios encontrando os meus. Ela cobre a parte de trás da minha cabeça, trocando fôlego comigo.

O sol está alto no céu quando consigo me mexer. Agarrando-a a mim, eu caio de costas, o peso dela sobre mim. Nossas respirações entravam e saíam dos nossos peitos de corrida, altos na quietude entre nós.

Apertando meu braço ao redor dela, eu a trago para mais perto, amando o jeito que sua boceta molhada desliza ao longo da minha coxa. Ela se abraça em mim, quase ronronando, e algo cava no meu peito.

— Assim... Estamos voltando a fingir que isso não está acontecendo? — Ela finalmente pergunta, quebrando o silêncio, e é a primeira vez que ouço esse tom em sua voz.

Incerto. Quase infantil.

Receoso.

Eu fiz isso, eu acho, abraçando-a mais perto. Eu machuquei seus sentimentos negando-nos. As repercussões de estarmos juntos são um forte gongo em minha mente, um aviso que eu simplesmente não sinto como se estivesse prestando atenção agora.

Mais tarde. Nós vamos lidar com tudo mais tarde.

— Eu não vou deixar ninguém mais ter você de novo, Calamity, — juro solenemente, ciente do que o comentário implica. A promessa por trás disso. O que eu terei que fazer e arriscar para que isso aconteça.

Calamity levanta a cabeça, olhando para mim, seus olhos normais, seu cabelo uma bagunça sobre nós dois, seu pescoço devastado por minhas mordidas. — E você? Você espera que eu te compartilhe? Porque vou lhe contar agora mesmo, Obsidian — seus olhos brilham com uma ameaça muito antiga, profunda demais, para pertencer a um corpo de vinte e um anos de idade — Vou matar você e cada uma daquelas mulheres. Especialmente Almira. Eu não vou me importar com as consequências que você está tão obcecado.

Eu ri da ameaça dela, do fato de que eu posso dizer que ela *realmente* significa isso. Um testamento de como esta mulher tem fodido comigo. — Eu acredito em você, succubu.

Ela fica em meus braços. — Espere, você sabe...

— Sim. Eu faço. E em vez de me submeter a semanas de retiro e aos sonhos loucos que vêm com isso, você deveria ter me contado imediatamente. — Você é a herdeira deste trono. Eu jurei, aos dezoito anos, ser o seu maior protetor. Sei que sua natureza é uma luta e torna as coisas difíceis para você, mas precisamos trabalhar juntos para gerenciar as consequências.

Bufando, ela olha para mim, e tudo que eu quero fazer é puxá-la de volta para mim e beijá-la sem sentido. — Você não respondeu a minha pergunta.

— Eu vou matar qualquer macho ou *fêmea* que chegue perto de você. Então, confie em mim quando eu disser que entendi exatamente o que você está dizendo. — É tudo o que posso dizer a ela neste momento, com meu peito explodindo de tanto medo e essa emoção tão poderosa e consumidora que é, eu possui essa fêmea como nenhuma mulher jamais foi possuída antes.

Sua expressão suaviza, derretendo em algo que faz o tumulto em meu peito piorar. — Então você está dizendo que é meu e eu sou sua?

Segurando sua mandíbula, eu olho em seus olhos. — Você fez acontecer, mulher. Eu acabei de lutar com você. Você me queria escravizado? Você tem isso. Eu só espero que nós dois possamos lidar com o que vem com isso.

Seus lábios entram em um sorriso brilhante e satisfeito que rouba o último suspiro.

— Apenas venha aqui e me beije, mulher. Lembre-me porque estou prestes a arriscar a ira do meu irmão para ter você.

Rindo, ela se inclina, lábios docemente encontrando os meus, e ela faz exatamente o que eu pedi a ela.

Ela me lembra por que lutar contra isso é ridículo.

Esta fêmea foi feita para ser minha.

Sim, ela estava fodidamente. E aniquilarei qualquer um que pense em tirar isso de mim, mesmo que isso signifique se tornar um pária dentro da própria civilização que jurei proteger.

Nada vai ficar entre nós agora.

Fim